

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

**DO DISCURSO CAPITALISTA ASSOCIAL AO AVESSE EM POSIÇÃO DE CAUSA:
O ANALISTA NO FAZER-DE-CONTA E A RESTITUIÇÃO DO PAR DISSOLVIDO**

Isabel Grinover Borgneth

SÃO PAULO

2025

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Isabel Grinover Borgneth

**DO DISCURSO CAPITALISTA ASSOCIAL AO AVESSO EM POSIÇÃO DE CAUSA:
O ANALISTA NO FAZER-DE-CONTA E A RESTITUIÇÃO DO PAR DISSOLVIDO**

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como parte das atividades exigidas para obtenção do Grau de Psicóloga no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Sergio Wajman

SÃO PAULO

2025

AGRADECIMENTOS

A Paula e Mario, meus pais, que proporcionaram meu encontro com a psicologia na universidade, compartilharam este universo comigo e me mobilizaram em minha caminhada pela psicanálise.

À Helena, avó eterna, que me acendeu a chama da curiosidade pelo encontro clínico.

Aos meus parceiros de caminhada na PUC, meus amigos queridos, com quem pude trocar dos mais densos impasses da prática e teoria, às mais banais e gostosas cenas da rotina.

Ao Raul Pacheco, que se disponibilizou em trocar sobre meu tema e me dar orientações pontuais cirúrgicas.

Ao Sergio Wajman, pelas orientações formais e engajamento durante o processo de pesquisa.

TÍTULO: Do discurso capitalista associal ao avesso em posição de causa: o analista em fazer-de-conta e a restituição do par dissolvido

Ano: 2025

Áreas do conhecimento: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Orientanda: Isabel Grinover Borgneth

Orientador: Prof. Dr. Sergio Wajman

RESUMO

A teoria dos discursos, apresentada por Jacques Lacan em seu *Seminário XVII, O Averso da Psicanálise*, ministrado entre 1969 e 1970, nos proporciona uma chave de leitura potente para compreensão da forma como o encontro do sujeito com o campo do outro pode se estabelecer. Ao mergulhar na análise da contemporaneidade, é possível observar que o discurso capitalista, apresentado por Lacan na Conferência de Milão em 1972, vigente nos dias atuais, produz ecos importantes no que tange o vínculo social entre os pares de sujeito e a produção de sintomas. A presente pesquisa, ao retomar o caráter associal do discurso capitalista contemporâneo e seus desdobramentos no âmbito do gozo, sinaliza o lugar do analista e seu posicionamento ético enquanto recurso importante do avesso que o discurso do analista se encontra. O discurso capitalista, ao colocar o sujeito em par direto com o objeto mais-de-gozar ($a \rightarrow \$$), produzindo uma dinâmica associal, expõe uma lógica de alienação imperativa e isolamento massivo, comprometendo a alteridade. Na contramão, ao considerar o sujeito dividido, restitui-se o par do sujeito que é chamado ao laço pela posição enigmática do analista que é agente em semblante de causa de desejo no discurso. Desta forma, o trabalho em questão também traça o caminho que o objeto a faz nesta análise entre o discurso capitalista, como objeto mais-de-gozar, até o discurso do analista, como objeto causa de desejo. Da produção ao agenciamento. Evidencia-se, assim, a posição semblante do analista como recurso central que reaviva um enlace dos pares, dissolvidos no discurso capitalista.

Palavras chaves: Lacan; discurso capitalista; discurso do analista; gozo; objeto a ; laço social; semblante

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
OBJETIVOS	11
MÉTODO	12
1. NOS LOCALIZAMOS PELO LAÇO	16
1.1 A CENTRALIDADE DA TEORIA DOS DISCURSOS	16
1.2 O DISCURSO CAPITALISTA ASSOCIAL	18
1.3 CONTEMPORANEIDADE DO IMPERATIVO DO GOZO E OS ATRAVESSAMENTOS NO SUJEITO NO ASSOCIAL	21
2. O AVESSO	30
2.1 O QUE LACAN NOS APRESENTA COMO AVESSO	30
2.2 O SUJEITO AGORA EM QUESTÃO: o que a análise oferta	31
2.3 DO SABER À CAUSA	33
2.4 DO RESTO PARA O AGENCIAMENTO EM CAUSA: UM RECURSO DA CONTRAFACE E A RESTITUIÇÃO DO “SOCIAL”	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- **Figura 1:** Impossíveis X Discursos
- **Figura 2:** Os lugares do Discurso
- **Figura 3:** Os quatro discursos de Jacques Lacan
- **Figura 4:** Matema Discurso Capitalista
- **Figura 5:** Os vetores dos discursos X discurso capitalista
- **Figura 6:** O objeto a e a cadeia significante
- **Figura 7:** Matema Discurso Capitalista X Matema Discurso Analista
- **Figura 8:** Inversão do discurso do mestre para o capitalista

INTRODUÇÃO

Quando pensamos sobre a sociedade contemporânea que é construída e vivenciada hoje, nos deparamos com um aspecto importante que é a forma como os indivíduos fazem laço e vão de encontro com a alteridade, desdobrando no olhar sobre os efeitos disso nas movimentações do sujeito dentro e fora da clínica. A forma como o sujeito se articula e atravessa o laço social tem segmentos que determinam cenários importantes na dinâmica psíquica do sujeito contemporâneo, na forma como este se relaciona com seu entorno, na forma como este digere o mundo externo a ele.

A teoria dos discursos, apresentada por Jacques Lacan no seu seminário *O avesso da psicanálise*, de 1969/1970, traz uma contribuição interessante, na qual o discurso é introduzido como uma modalidade de vínculo interpessoal, de inscrição em um campo comum e, mais radicalmente, de aparelhamento e ordenamento de gozo. Acerca da teoria dos discursos e seu papel no olhar para o sujeito e suas andanças, Antonio Quinet, comentador de Lacan, diz:

A clínica dos discursos, como propõe Lacan ao inserir a psicanálise no campo do gozo a partir dos anos 70, permite um acréscimo à clínica das estruturas subjetivas ordenadas pelo Édipo, e não a exclusão desta. Trata-se de investigar não só a relação estrutural do sujeito e suas estratégias para lidar com o desejo e o gozo do Outro, mas também se e como ele se insere nos discursos, sua relação com a mestria (ou a autoridade), com o saber, com o outro do laço social, com o mais-de-gozar, ou seja, os objetos pulsionais excluídos da civilização, e sua posição com respeito ao gozo. (Quinet, 2011, p. 14).

Desta forma, os quatro discursos (Discurso do Mestre, Discurso Histérico, Discurso do Analista e Discurso Universitário) inicialmente abordados pelo psicanalista, vão colocar quatro possíveis configurações, que partem dos 3 impossíveis de Freud¹ (governar, educar, psicanalizar) junto ao acréscimo lacaniano: fazer desejar. Na construção do discurso, pode-se observar os 4 lugares (agente, verdade, outro e produção), onde tem-se os efeitos e produtos do discurso e cuja articulação destas posições constitui um laço social.

IMPOSSÍVEL	DISCURSO
Governar	Discurso do Mestre
Educar	Discurso Universitário
Psicanalizar	Discurso do Analista
Fazer desejar	Discurso Histérico

Figura 1: Impossíveis X Discursos

¹ Apresentados em “A questão da análise leiga”, de 1926

Em especial, o Discurso do Mestre trata-se do laço que envolve domínio, a partir da ilusão de que o sujeito é Um e, assim, o laço é um, o que se sustenta por meio de uma desconsideração do sujeito dividido do inconsciente e um direcionamento à homogeneização do indivíduo.

No discurso do mestre (S1/S), o governo parece se instaurar a partir de leis, projetos de sociedades, programas etc. representados no matema (sua fórmula) pelo S1. Mas, na verdade, o que é escamoteado é que há sempre sujeitos (S) sustentando esse governar, essa dominação que é imposta ou aplicada aos outros sujeitos que devem cumprir as ordens; eles devem saber fazer, saber obedecer e saber produzir. (Quinet, 2011, p. 33).

Mais tarde, Lacan vai avançar acerca do discurso do mestre, o que dá origem à conceituação do discurso capitalista, como o discurso do mestre moderno, apresentado na Conferência de Milão em 1972. Esta conferência ocorre em um momento de forte inquietação e efervescência sociopolítica na Europa, caracterizado por uma expansão do capitalismo tecnocrático, por crises ideológicas importantes, por transformações na cultura do desejo e consumo e uma movimentação intensa sobre a institucionalização da psicanálise e sua recepção. Assim, Lacan apresenta uma crítica estrutural sobre como o capitalismo se apropria e rege as dinâmicas subjetivas. Coloca o discurso capitalista como uma perversão do discurso do mestre. Tal contribuição nos serve de recurso para analisar as andanças e movimentações psíquicas do sujeito de hoje, inserido em um capitalismo diferente daquele existente na época em que Lacan apresenta o discurso, mas que carrega sua estrutura de aparelhamento do gozo em sua contemporaneidade. Como diz Patrick Barillot, “Desde então, o discurso capitalista ganhou embalo, se ampliou, planetarizou, mundializou conjuntamente com a expansão de sua financeirização.” (2016, p.157). Tem-se assim, na contemporaneidade, uma modulação específica de fazer laço, que pode nos auxiliar a analisar diversos aspectos da vida social e dos sintomas que emergem na atualidade e implicações na economia psíquica dos sujeitos. A pesquisa em questão também entende ser importante trazer para a discussão o que do contexto neoliberal faz eco na modulação de laço social atual. Apresenta-se, então, o ponto de partida contextual que é preâmbulo da presente pesquisa.

Tendo em vista que o laço social consiste em um modo de aparelhar o gozo com a linguagem e, portanto, um enquadramento da pulsão, este estudo pretende fazer uma retomada do discurso capitalista na contemporaneidade e evidenciar os desdobramentos subjetivos desta forma de aparelhamento de gozo que alude para a característica associal do laço. Diante desse cenário, onde o discurso capitalista produz efeitos de desencontro entre o sujeito e seu par, o que Colette Soler (2001) chama de solidão redobrada² — instaurando formas de gozo desvinculadas do Outro, a partir do mais-de-gozar atrelado ao consumo e promovendo uma subjetividade marcada pela lógica

² No original: “solitude redoublée”

da segregação e da aceleração —, torna-se necessário interrogar quais possibilidades restam para o sujeito diante dessa maquinaria discursiva.

É nesse ponto que o trabalho em questão retoma a contribuição lacaniana do discurso analítico como avesso do discurso capitalista, tal como formulado no *Seminário XVII*. Essa inversão não implica apenas uma oposição formal, mas a introdução de uma posição subjetiva e ética que visa sustentar o desejo a partir do lugar do semblante causa de desejo, que o analista encarna. A investigação, portanto, caminha para destacar essa posição função do analista como recurso fundamental frente ao esvaziamento do laço social realmente social promovido pela lógica capitalista. Tem-se como objetivo para tecer e chegar a uma análise que responda ao que foi colocado aqui anteriormente, fazendo uma retomada da relação de avesso que Lacan apresenta no *Seminário XVII*. Assim, volta-se para uma reflexão sobre que sujeito é este tratado em cada um dos discursos. Que sujeito é este que se apresenta, como coloca Colette Soler (2015) em sua conferência na Universidade de Buenos Aires, “Apalabrado por el Capitalismo”? Recuperamos que a palavra “apalabrado” do espanhol, faz referência ao que na língua portuguesa seria algo como “acordado oralmente” ou “marcado pela palavra”.

No discurso capitalista, o objeto mais-de-gozar se encontra no lugar da produção do matema, o que já expressa o imperativo de gozo contemporâneo e instaura um ponto de atenção de análise, pensando no gozo enquanto aquilo que não admite um limite, não se deixando aprisionar pelo significante fálico. Assim, para pensar sobre as consequências do gozo no lugar de produção deste discurso e sua apresentação na face de mais-de-gozar, percebe-se ser necessário caracterizar este contexto neoliberal ao qual a pesquisa se refere e esse campo do gozo tratado, o que pretende-se ser feito através de um diálogo com produções recentes que fazem esta interlocução do campo econômico-político com o campo da psicanálise. Com isso, levanta-se um ponto de análise de extrema importância que é a colocação do neoliberalismo como mais que um modelo econômico, mas também uma engenharia social. Além disso, se aprofundando no posicionamento e função do gozo e objeto *a* nos discursos, o que é de extrema importância para o tema central da pesquisa, pretende-se fazer uma retomada que elabora as duas faces do objeto *a*: do objeto mais-de-gozar, no discurso capitalista, ao objeto causa de desejo, no discurso do analista.

Esse discurso cria uma comunidade monstruosa de pares, como aponta Roberto Romano. É uma comunidade, melhor dizendo, de pseudopares – que se querem ímpares (pois cada um é ímpar) – em que são menos pares e colegas juntos por uma mesma causa ou uma mesma orientação do que inimigos mordidos pela agressividade e pela competitividade em obter financiamento para suas pesquisas. Basta um sinal verde para que se soltem os cães ferozes da reserva de mercado, atacando colegas, na véspera “amigos”, em nome de uma defesa territorial. É o que se vê na política universitária, denunciada por Romano. Degradação dos laços sociais, império do discurso capitalista na área do saber.

Contra o imperativo do ter, a psicanálise propõe a ética da falta-a-ter, que se chama desejo, e a gestão, não do capital financeiro, mas do capital da libido, por definição sempre no negativo. Contra o imperativo da competitividade neoliberal, a ética da diferença. (Quinet, 2009, p.22).

Se mostra necessário analisar como o discurso do analista responde ao que se observa hoje reinante nas dinâmicas do capitalismo que produz ecos importantes no que tange ao real vínculo social entre os pares de sujeito e a produção de sintomas. Assim, evidencia-se a centralidade da transferência para a análise do posicionamento do discurso do analista e da figura do analista enquanto recurso que faz avesso.

Quanto ao manejo da transferência, minha liberdade, ao contrário, vê-se alienada pelo desdobramento que nela recai sobre minha pessoa, e ninguém ignora que é aí que se deve buscar o segredo da análise. O que não impede que se creia estar progredindo nesta douda afirmação: que a psicanálise deve ser estudada como uma situação a dois. (Lacan, 1998, p.594).

Para isso, este trabalho retoma a conceituação de transferência de Jacques Lacan que, por uma via epistemológica, traz a função do “sujeito suposto saber” (SSS) como pivô da relação diferencial analista-analisando. Esta função se apresenta na medida em que o sujeito vai à análise com a crença de que o analista sabe algo sobre o sentido de seu sofrimento, de seu sintoma. Assim, Colette Soler esboça este encontro.

A transferência, começando por um significante fora de sentido, instala a suposição de saber. É por isso que ela se manifesta no analisando afetado pelo não-senso do sintoma numa temporalidade de espera: espera do saber que resolverá o furo que produzem os enganos do sujeito, e especificamente do sintoma. É esse saber esperado que de certo modo é transferido para o lado analista e esperado obscuramente de sua interpretação. (Soler, 2012, p.55).

Em suas contribuições, Soler (2012), nos indica que ao analisando cabe a suposição e, ao analista, a posição. Com isso enquadra o ato analítico como um posicionamento do inconsciente que em si mesmo não se posiciona e que, por conta disso, o analisando poderá suportar. Apresentando, assim, a suposição como retroação da posição. Desta forma, indo além de uma via puramente epistemológica, traça-se um caminho do saber à causa e depreende-se a importância na cena analítica do jogo de posicionamento, o que alude para a posição diferencial do agente no discurso do analista, expressada pelo objeto *a* no matema.

Por fim, entende-se ser interessante elucidar separadamente os objetivos da presente pesquisa, buscando alcançar maior clareza na identificação dos mesmos.

OBJETIVOS

Objetivo geral:

1. A pesquisa em questão pretende fazer uma retomada do discurso capitalista na contemporaneidade e evidenciar os desdobramentos subjetivos desta forma de aparelhamento de gozo, que alude para a característica associal do laço, uma solidão generalizada e a dissolução de pares presente. A partir disso, busca-se apresentar e enfatizar a posição do analista de semblante causa de desejo como recurso de extrema importância para fazer-se avesso ao discurso associal e retomar o par do sujeito que é chamado ao laço pela posição enigmática do analista agente do avesso.

Objetivos específicos:

1. Evidenciar a centralidade e tamanha contribuição da teoria dos discursos para a análise dos encontros dos sujeitos
2. Retomar o discurso capitalista e suas dinâmicas expressadas pelo matema
3. Levantar os ecos do discurso capitalista
 - a. Solidão generalizada
 - b. Imperativo do gozo
 - c. Dissolução dos pares
4. Fundamentar o caráter associal do discurso capitalista
5. Elaborar sobre o campo do gozo, o objeto *a* em sua face mais-de-gozar e sua função no discurso
6. Retomar o que Lacan apresenta como avesso
7. Elucidar a consideração do sujeito dividido foracluído do discurso capitalista
8. Retomar a conceituação de transferência e a oferta em análise, elaborando a passagem da suposição de saber para a posição em causa do analista semblante vazio
9. Resgatar a diferença na dinâmica discursiva entre a face mais-de-gozar do objeto *a* e a face objeto causa de desejo
10. Reafirmar brevemente a posição ética do analista perante a denúncia

MÉTODO

A presente pesquisa é tecida a partir de uma revisão bibliográfica feita com contribuições psicanalíticas, desde Freud até psicanalistas pós-lacanianos mais contemporâneos, junto a contribuições sociológicas que auxiliam olhar para a questão principal sob outra ótica.

Entende-se ser importante caracterizar este pesquisar específico da psicanálise que se apresenta como método que rompe com moldes clássicos modernos de pesquisa e ciência. Freud já coloca em “A questão da análise leiga” que “Na psicanálise sempre houve um liame indissolúvel entre a cura e a pesquisa (...) Nosso procedimento analítico é o único que mantém essa valiosa conjunção” (2014, p.226). Para ilustrar a relação que a psicanálise estabelece com os saberes e práticas, Elia (2019) traz a posição extraterritorial ou, como prefere dizer, transterritorial. Este termo é utilizado por Jacques Lacan em “Variantes do tratamento padrão”, apresentado em 1955, durante o Congresso de Roma da Sociedade Francesa de psicanálise, em que a posição da psicanálise é qualificada não encontrando seu lugar em nenhum campo que não seja o seu, sendo um campo unitário. Luciano Elia explica

Podemos afirmar que, por força de seus conceitos mais fundamentais, a psicanálise não se perfila nas balizas dos saberes instituídos no campo científico e cultural que, assim, não se aplicam a ela, o que poderia nos fazer supor algum grau de extraterritorialidade. Entretanto, o que determina esta posição da psicanálise não é o seu caráter total ou eminentemente *estrangeiro* ao campo civilizatório ou às demais ciências, mas a vocação da psicanálise em situar-se no plano da causa, do fundamento não-representável de toda representação possível, o que só se alcança a partir do que se apresenta no campo mesmo do representável. (Elia, 2019, p.2).

Torna-se nítido que a psicanálise tem um campo epistêmico e metodológico de alta radicalidade. É atravessada e dialoga com outros diversos discursos, mas mantém seus parâmetros constitutivos, respeitando sempre a singularidade da experiência humana.

A posição que a pesquisa em psicanálise toma é, primeiramente, de embate com uma concepção de ciência que não envolve o sujeito (Elia, 2019). Assim, levanta uma dimensão que deseja inserir a noção de sujeito, se diferenciando da exatidão da ciência clássica positivista e permeabilizando esta concepção rígida de pesquisa que foraclui o sujeito do inconsciente. Tal rigidez e resistência ao reconhecimento desta dimensão pode ser entendida, como mostra Elia (2019), como forma de resistência ao real da prática psicanalítica. Assim, a pesquisa em psicanálise se concebe como uma prática que, em seu princípio, deseja fazer furo. Se deriva da ciência clássica, mas não se reduz a ela, provocando movimento e se fundando a partir disso.

A concepção de psicanálise e sua relação com a ciência se originando a partir de uma ruptura com a foraclusão do sujeito singular na ciência é firmada por Lacan em diversos momentos,

se tornando nítida quando este a coloca como avesso. A psicanálise faz sua exclusão interna do campo da ciência, “O sujeito está, se nos permitem dizê-lo, em uma exclusão interna a seu objeto” (Lacan, 1998, p.875), o que versa sobre a relação mobiana dos termos, na qual a psicanálise está dentro e fora, ao mesmo tempo. Junto a isso, vale ressaltar o caminho epistemológico que Jacques Lacan toma, ao se aproximar das produções de Alexandre Koyre e Thomas Kuhn, a partir de uma crítica à ciência positivista e à divisão entre fatos e não fatos. Estas duas fontes auxiliam Lacan a pensar sobre a relação da psicanálise com a ciência. É deste contato que vemos a primazia da teoria, uma das instâncias que leva Lacan a trazer suas formulações acerca da concepção de ciência, postulando que não existe A ciência, mas sim os diversos campos, em *A Ciência e a Verdade*, presente no livro *Escritos* de 1965/1966. Desta forma, chegamos ao encontro da constatação de que, assim como outras, a ciência da psicanálise definiu seu fato: “O sujeito do inconsciente”, tratando assim de um objeto sujeito dividido e não perfeito.

Indicaremos mais adiante como se situa a lógica moderna (...). Ela é, de modo incontestado, a consequência estritamente determinada de uma tentativa de suturar o sujeito da ciência, e o último teorema de Gödel mostra que ela fracassa nisso, o que equivale a dizer que o sujeito em questão continua a ser o correlato da ciência, mas um correlato antinômico, já que a ciência mostra-se definida pela impossibilidade do esforço de suturá-lo. (Lacan, 1998, p. 875).

No *Seminário XVII, O Averso da Psicanálise*, Lacan diz sobre a relação entre ciência, avesso e verdade: “Averso é assonante com verdade”. Com isso, Lacan propõe que, através do jogo de palavras, possamos entender a relação destes estatutos importantes. Tendo como similares em som, avesso e verdade podem ser explorados em suas conexões para além do literal. Averso como aquilo que está do outro lado, que precisa ser revelado, remete à subversão que o discurso da psicanálise faz em relação àqueles nos quais o saber está atrelado ao domínio. Assim, ao desafiar as aparências e desvendar estruturas subjacentes, Lacan apresenta a verdade como nunca plena e direta, a verdade meio-dita (mi-dire) (1992), encontrada no avesso dos discursos. Desta forma, levanta o lugar do avesso como aquele onde a verdade se manifesta, o que condiz com a ideia que está no cerne da práxis psicanalítica, que a verdade do sujeito se revela por meio de seus sintomas, lapsos, chistes, seus avessos. Percebe-se então que o avesso que remete à subversão da psicanálise em relação à ciência clássica (que busca o saber universal) também é a subversão que guia a prática, característica fundante da psicanálise enquanto campo epistêmico, como já elucidado anteriormente.

Desta forma, após este breve delineamento acerca da relação entre pesquisa, ciência e psicanálise, a presente pesquisa, ao se colocar de acordo com o que foi aqui antes explicitado,

pretende fazer um estudo de cunho teórico fundamentada na revisão bibliográfica que abrange contribuições sobre a teoria dos discursos, de Jacques Lacan; o próprio *Seminário XVII*, o tendo como base primordial; análises da contemporaneidade sob a lente do laço social; e contribuições a respeito do posicionamento da psicanálise e do dispositivo clínico, inseridos no contexto do discurso capitalista. Assim, foi realizada uma revisão bibliográfica utilizando plataformas digitais.

Afim de mergulhar e decifrar a questão central do trabalho: a contemporaneidade do laço capitalista associal e a prática clínica - posição do analista de semblante objeto causa de desejo como recurso do avesso e fomentação de um laço realmente social, a presente pesquisa de cunho teórico, fundamentada na psicanálise lacaniana, se desenvolve ao longo de 2 grandes capítulos: 1. Nos localizamos pelo laço; 2. O Avesso.

Em primeiro lugar, a discussão concentra-se em elaborar a centralidade da teoria dos discursos e da lente do laço social para analisar a sociedade e fazer uma leitura cuidadosa da localização dos tempos atuais no que concerne à forma de relação interpessoal. A partir disso, empenha-se em investigar como a forma de ordenamento de gozo específica do discurso capitalista, junto às dinâmicas deste discurso contemporâneo neoliberal, fazem eco nas dinâmicas subjetivas e na criação dos novos sintomas atuais. Assim, coloca-se em xeque a característica associal do discurso capitalista atual e se enfatiza o imperativo do gozo da contemporaneidade, elaborando a quem ele serve. Para o desenvolvimento desta primeira parte da pesquisa os *Seminários XVII, IX, XI, VII* foram de extrema importância, junto a, evidentemente, contribuições freudianas que são fonte e, muitas vezes, gênese de pensamentos aqui trazidos. Junto a isso, comentadores como Antonio Quinet e Colette Soler, tiveram papel muito significativo na construção da análise. É importante trazer aqui a relevância de Conrado Ramos, Raul Pacheco, Fabio Franco, Vladimir Safatle, Christian Dunker, Elizabeth Tolipan, Michel Bousseyroux e Julio Cesar Lemes de Castro na produção desta primeira parte do trabalho.

Em segundo lugar, a pesquisa em questão se debruça sobre o avesso, concepção que é apresentada por Lacan em 1970 e que diz respeito à contramão dos discursos de domínio e maestria, na contramão do que foi explorado na primeira seção do trabalho. A partir de uma apresentação da noção de “avesso” utilizada no trabalho, se expõe o discurso do analista e se elucida, então, qual é o sujeito que é posto em foco agora, que é apagado no discurso capitalista. Assim, ao retomar a singularidade e o sujeito dividido, a presente pesquisa empenha-se em explorar o encontro do sujeito com a situação de análise e com a figura do analista, trazendo conceitos como Sujeito Suposto Saber, a entrada em análise e a transferência. Traça-se, então, o caminho percorrido na economia psíquica do sujeito que vai de encontro com a situação de análise e a movimentação na atuação do analista que opera a partir da instância do saber à causa. A causa na posição do analista é

evidenciada no matema do DA³ pelo objeto *a*, em sua face causa do desejo, no agenciamento do discurso, manifestando a posição do analista como semblante de objeto causa de desejo. Assim, o trabalho acompanha a movimentação do objeto *a* que vai, de resto, em sua face objeto mais-de-gozar no discurso capitalista, à agente, em sua face causa de desejo no discurso do analista. Por fim, examina-se e afirma-se a importância do posicionamento do analista de semblante como um recurso de extrema importância na resistência avessa da atuação psicanalítica e na recomposição do “social” que acompanha o laço.

Para a elaboração desta segunda seção do trabalho, os *Seminários XVII e VIII* de Jacques Lacan, juntamente com seu livro *Escritos* foram de grande importância. Além disso, é de forte relevância na construção da análise aqui presente os seguintes pensadores: Antonio Quinet, Sidi Askofaré, Marie Jeans-Sauret, Marc Strauss e Colette Soler.

³ Discurso do Analista

1. NOS LOCALIZAMOS PELO LAÇO

1.1 A CENTRALIDADE DA TEORIA DOS DISCURSOS

É a partir das contribuições de Jacques Lacan em seu *Seminário XVII*, que esta pesquisa se desafia no mergulho em uma análise sobre a modulação de laço típica da contemporaneidade a fim de compreender as implicações disso nos encontros clínicos e a posição do dispositivo da análise hoje perante o meio em que se insere.

Nesta empreitada, é interessante primeiramente nos atermos ao que Colette Soler nos sublinha com destreza, que “primero el sujeto al principio originar mente es un ser social no es un individuo el sujeto es un ser social en la medida en que se constituye en el otro y vía el otro”⁴ (Soler, 2015, 10min52s), o que sustenta a relevância em olhar para o cenário clínico contemporâneo a partir da leitura do laço e do aparelhamento do gozo. A partir do “sofisma dos prisioneiros” presente no texto “Tempo lógico e a asserção da certeza antecipada” dos *Escritos*, Lacan (1998) ilustra como o sujeito não existe de forma isolada, mas sempre em relação ao Outro e à estrutura simbólica que o precede. Entende-se, assim, que a subjetividade é constituída dentro do laço.

Como parte de um movimento de inserção da psicanálise no campo do gozo a partir dos anos 1970, Lacan vai introduzir a clínica dos discursos diante da clínica das estruturas subjetivas. Assim, contorna-se um trabalho que não exclui a estrutura da linguagem e a subjetivação a partir do Édipo, mas que investiga as movimentações do sujeito de encontro com o desejo e gozo do Outro. Como esse sujeito se coloca nos discursos, sua relação com a autoridade, com o saber, com o outro do laço e com o mais-de-gozar (Quinet, 2011).

Podemos decir que el discurso en el qual cada uno nace es como una patria. Una patria no geográfica, pero una patria de la que no se puede querer separarse, exiliarse, como de una patria común. Sin embargo, para huir, previamente hay que ser inscrito.⁵ (Soler, 2015, 12min15s)

Inicialmente, Lacan apresenta quatro modulações: Discurso do Mestre, Discurso Universitário, Discurso da Histórica e Discurso do Analista. Quatro formas de ordenamento do gozo, quatro formas de lidar com a falta da não proporção sexual: governar, educar, fazer desejar e

⁴ Tradução livre:

“Primeiro, o sujeito, em sua origem, é um ser social; não é um indivíduo. O sujeito é um ser social na medida em que se constitui no Outro e por meio do Outro.”

⁵ Tradução livre:

“Podemos dizer que o discurso no qual cada um nasce é como uma pátria. Uma pátria não geográfica, mas uma pátria da qual não se pode separar-se, exilar-se, como de uma pátria normal. No entanto, para fugir, é preciso previamente ser inscrito.”

psicanalisar (Quinet, 2011). Assim, dispõem-se as modulações possíveis de laço social, de inscrição em um campo comum, o que dirá respeito à interação entre os lugares fundamentais do discurso (a verdade, o agente, o Outro e a produção) e seus inquilinos (S1, S2, a, *S barrado*). Estes últimos são termos constitutivos que se alocam sem possibilidade de comutação nos lugares do matema, o que configura a formação de cada laço. O “discurso sem palavras” (Lacan, 1992, p.11), nos permite mais uma vez perceber que os sujeitos são determinados pelos deslocamentos dos significantes e suas façanhas e em seus direcionamentos.

Os discursos em apreço nada mais são do que a articulação significativa, o aparelho, cuja mera presença, o status existente, domina e governa tudo o que eventualmente pode surgir de palavras. São discursos sem palavras, que vêm em seguida alojar-se nele (Lacan, 1992, p. 158).

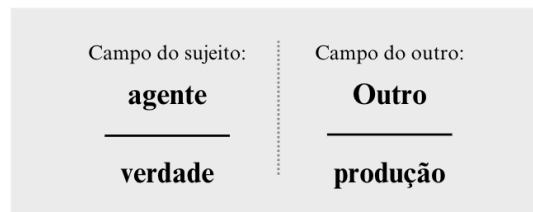


Figura 2: Os lugares do Discurso

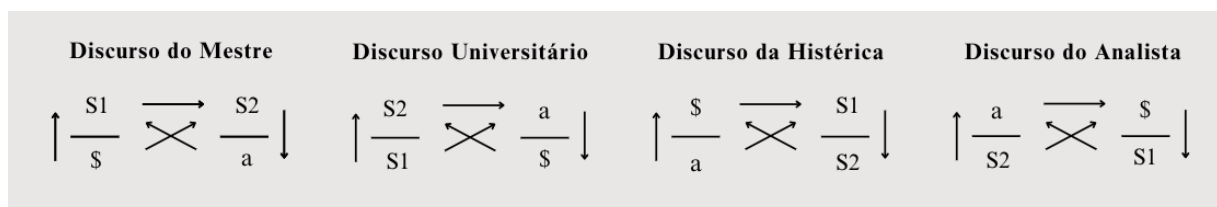


Figura 3: Os quatro discursos de Jacques Lacan

Acerca da estrutura dos discursos é crucial ainda tratar sobre as duas linhas horizontais que se dispõem no matema entre o campo do agente e do outro. Estas, que se apresentam como a via da impossibilidade (Linha de cima) e a via da impotência (Linha de baixo) dizem respeito à maneira como cada discurso se organiza em torno do gozo. A primeira linha, da separação de impossibilidade, é sempre representada por uma flecha que vai do agente para o Outro, marcando o impossível estrutural. A linha de baixo, da impotência, é expressada pela ausência de vetores entre os termos. “A estrutura de cada discurso necessita de uma impotência, definida pela barreira do

gozo, a diferenciar-se como disjunção, sempre a mesma, de sua produção a sua verdade” (Lacan, 2001, p. 445). Trazer estas relações manifestadas nos matemas dos discursos é de extrema importância para a análise da contemporaneidade a partir da teoria dos discursos e das dinâmicas psíquicas que ela levanta como movimentadas no laço.

As relações discursivas entre o *agente* e o *outro* são da ordem do *impossível* porque os discursos são incapazes de cingir o *real* e *impotentes* para totalizar o gozo, como o mostra a ausência de conexão entre *produção* e *verdade* na linha de baixo dos matemas (Pacheco, 2015, p.40).

É a partir do Discurso do Mestre que os outros discursos se apresentam. Este se constitui como relação de domínio onde o senhor (S1) faz trabalhar o escravo que sabe (S2) como produzir os meios de gozo (*a*). Este gozo, fruto da produção de quem sabe, não é para o escravo (interdição entre o sujeito e *a*), mas sim para o senhor que o domina. Assim, nega-se a falha no saber, dirigindo-se ao Outro enquanto objeto e, como mostra o matema, interdita a relação do sujeito com o objeto *a*, excluindo a fantasia. Esta interdição culmina na característica de que o mestre é “em seu fundamento totalmente cego” (Lacan, 1992, p.101). Desta forma, o discurso do mestre é o discurso da instituição, que faz uso do poder de comando do significante e institui, o que pode ser manifesto em diversas cenas, em diversas instâncias e formas de governar. Junto a ele, o discurso universitário também carrega um caráter dominante, na medida em que não leva a pulsão em consideração (nunca no lugar de verdade ou agente), agindo a partir de uma totalidade do saber universal.

1.2 O DISCURSO CAPITALISTA ASSOCIAL

É nesta linha da dominação que Lacan apresenta mais uma modulação discursiva, a contemporaneização do discurso do mestre, o discurso capitalista, o que nos serve de recurso para analisar o laço e os desdobramentos a partir de sua forma nos dias atuais, exaltando que o sistema neoliberal é mais do que uma organização econômica mas, também, uma delimitação no modo de estar. É a partir de uma torção no discurso do mestre que o discurso capitalista é gerado, e nele os termos alocados nas posições “agente” e “verdade” se permutam. Como afirma Colette Soler: “O discurso capitalista está a mais em relação aos quatro discursos” (2011, p.57). Esta movimentação é diferencial em relação às que geram os outros discursos, frutos de um giro de meia volta a partir do discurso anterior. Assim, fica nítido que esta virada e movimentação que faz a passagem do discurso do mestre para o capitalista, mostra características importantes sobre a dinâmica capitalista e as formas de ordenamento de gozo que ela estabelece. A partir do novo posicionamento do S1 (significante-mestre) no lugar da verdade e do \$ (sujeito) no lugar do agente, é possível meditar

acerca da relação desta modulação discursiva com os levantamentos da sociedade capitalista contemporânea, marcada pela produção e consumo incessante.

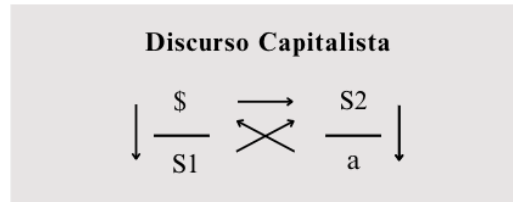


Figura 4: Matema Discurso Capitalista

Como mostra Lacan, (1992) “O que se opera entre o discurso do senhor antigo e o senhor moderno, que se chama capitalista, é uma modificação no lugar do saber” (p.29). Sobre este fenômeno levantado, nota-se que o saber entra no circuito de gozo se subordinando, assim, ao objeto *a* (aqui objeto mais-de-gozar). Além disso, o saber (S2) se encontra, como se observa no matema, alocado no campo do outro, como também aparece no discurso do mestre. Mas tal equivalência só se dá na ordem da localização mas não em relação a seu proprietário. Conforme aponta o psicanalista Julio Cezar Lemes de Castro, sobre o lugar do saber no discurso capitalista, “Os significantes-mestres, por sua vez, dão nexos ao saber em mãos da ciência e do capital (S2), na posição do outro do discurso. Desse saber procedem as engenhocas, os gadgets (*a*), na posição da produção.” (Castro, 2012, p.4). É a partir deste ponto que chegamos ao encontro daquilo que realmente comanda o sujeito e o estar neste discurso e na contemporaneidade, o imperativo do gozo.

Desta forma, se antes no discurso do mestre se estabelecia uma relação entre o que manda e o mandado, no discurso capitalista, efetivamente, não se promove laço, já que a relação do sujeito se estabelece com o consumo ($a \rightarrow \$$). O saber não é mais um campo de transformação ou contestação, mas um meio de produção e circulação do gozo, funcionando como instrumento da lógica mercantil e da reprodução incessante do consumo. Como afirma Lacan no *Seminário XVII*, “O sinal da verdade está agora em outro lugar. Ele deve ser produzido (...) pelos que são eles próprios produtos, como se diz, consumíveis tanto quanto os outros. Sociedade de consumo, dizem por aí.” (1992, p.30). Alerta-se assim, sobre uma sociedade que se constrói a partir de um descomprometimento do sujeito.

A barreira do gozo, a via da “impotência”, que é condição para a formulação de cada discurso e que faz par com o eixo de cima do matema dos discursos (agente-outro), a via da impossibilidade, se mostra permeável no discurso capitalista. Assim, apresenta-se uma distinção em

relação aos outros discursos que é a acessibilidade da verdade para o agente (expressado pelo caminho pelos vetores no matema). Como diz Michel Bousseyroux (2012), este é “o único discurso que faz laço associal, porque seu laço ignora a perda ligada à barreira do gozo, em sua função de barrar a passagem da produção do discurso à verdade.” (p. 187).

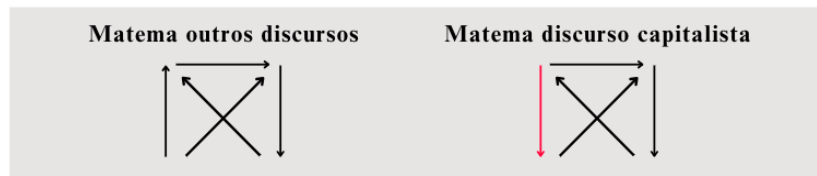


Figura 5: Os vetores dos discursos X discurso capitalista

Esta nova modulação de vetores que se apresenta, levanta atenção para a leitura da forma contemporânea de ordenamento de gozo. Percebe-se com isso que estabelece-se um circuito ininterrupto em que a impossibilidade se torna descartável e os limites se esfacelem. A circulação e interlocução dos termos do discurso se apresenta ininterrupta e incessante, não havendo mais a separação da impossibilidade e da impotência entre o agente e o outro. Sobre este cenário, Lacan afirma: “cada indivíduo é realmente um proletário, isto é, não tem nenhum discurso do qual fazer laço social” (Lacan, 1975b, p.187), o que faz referência a um contexto sem limitações gozantes, em que a carência geral é exatamente do laço.

O que é marcante, e que ninguém parece ver, é que desse momento em diante, em virtude do fato de que as nuvens da impotência foram ventiladas, o significante-mestre não aparece senão como mais inatacável, justamente em sua impossibilidade. Onde está? Como nomeá-lo? Como localizá-lo? – a não ser naturalmente em seus efeitos mortíferos. Denunciar o imperialismo? Mas como pará-lo, esse pequeno mecanismo? (Lacan, 1992, p. 207).

Assim, no discurso capitalista, pode-se pensar que as posições dos termos, por estarem deslocadas de seus lugares habituais, indicam uma simples alteração nas estruturas. No entanto, fica evidente que essa mudança vai muito além disso. O que realmente se percebe é que, nesse discurso, as distinções claras entre os lugares desaparecem. Em particular, não existe mais a diferença entre o local de onde se comanda e aquele onde algo é produzido. No discurso do mestre, por outro lado, essa distinção ainda se mantém evidente, com um espaço dedicado ao comando e outro à produção dos efeitos. No discurso capitalista, em contrapartida, fica explícito que são os objetos que acabam por comandar o sujeito. Com isso, percebe-se que a crucialidade deste discurso é que não há a ruptura que se faz presente em todos os outros discursos, uma separação entre o gozo produzido e a

verdade desse gozo. No discurso capitalista, essa ruptura desaparece, criando tal conexão ininterrupta.

Desta forma, como elucida Colette Soler (2001), observa-se uma dissolução dos pares na contemporaneidade. Ao analisarmos o discurso capitalista de hoje, fica expressa sua característica distinta das outras modulações de enlaçamento e aparelhamento do gozo, que “reposit sur des couples signifiants qui ordonnent le couple des êtres⁶” (Soler, 2001, p.4). A exceção se manifesta ao nos deparamos com apenas os sujeitos e seus objetos respondendo ao mais-de-gozar, que Soler ainda alerta sobre esse "seus", mostrando serem esses objetos que lhe são impostos, que o discurso os seduz a consumir.

Y el capitalismo como lo expliqué, permite grandes reuniones, conexiones... Pero en sí mismo, el capitalismo, su finalidad es de conectar cada individuo productor consumidor con los objetos que el capitalismo fabrica. Es decir, los objetos del mercado que llamamos Gadgets, para decir que no tiene nada que ver con un deseo que sería natural. Es un deseo que se industrializa casi.⁷ (Soler, 2015, p. 3)

1.3 CONTEMPORANEIDADE DO IMPERATIVO DO GOZO E OS ATRAVESSAMENTOS NO SUJEITO NO ASSOCIAL

Este ponto associal, que se coloca na medida em que o par se dá entre o sujeito e o objeto mais-de-gozar (a→\$) materializado pelo consumo incessante, o fetiche pela mercadoria, e pela lógica do “tudo é possível”, nos faz precisar resgatar a leitura de Marx feita por Lacan. Em *A angústia do proletariado generalizado*, Colette Soler (2001) nos propõe uma leitura sobre este resgate, que se inicia ao questionar o estatuto de Capitalista e Proletariado. O próprio capitalista está submetido ao seu discurso e, apesar da acumulação de bens, não deixa de ser um despossuído, no sentido que já trouxe acima, de laço social. Soler avança:

Marx a quand même l’idée que le capitalisme est une forme du discours du maître. Il ne le formule pas en ces termes, parce qu’il ne parle pas du discours, mais il a quand même conçu la lutte des classes comme un lien social entre d’un côté l’ensemble des capitalistes et de l’autre l’ensemble des prolétaires, comme variante donc du maître et de l’esclave. Le prolétaire, variante moderne et industrialisée de l’esclave antique et le capitaliste, variante du maître.⁸ (Soler, 2001, p.6).

⁶ Tradução livre: “se estruturam a partir de pares de significantes que ordenam os pares de seres

⁷ Tradução livre:

“O capitalismo, como expliquei, permite grandes reuniões, grandes conexões. No entanto, o que o capitalismo faz, em essência, é conectar cada indivíduo produtor-consumidor aos objetos que ele próprio fabrica. Ou seja, os objetos do mercado, que chamamos de gadgets, para destacar que não têm nada a ver com um desejo que seria natural. Trata-se de um desejo industrializado, quase fabricado.”

⁸ Tradução livre:

“Marx, afinal, concebia o capitalismo como uma forma do discurso do mestre. Ele não formulava nesses termos, pois não falava em discurso, mas, de qualquer forma, concebeu a luta de classes como um laço social entre, de um lado, o

Assim, nesta leitura da obra de Marx que dialoga com a teoria dos discursos, é possível constatar que por mais que Marx não utilizasse o conceito de “discurso” lacaniano, podemos dizer, que suas produções acerca da luta de classes versa sobre um enlaçamento estruturado pela relação de dominação, o que faz a sugestão do par mestre/escravo. Esta leitura dialoga com a ideia marxista do capitalismo como modelo que mantém uma estrutura hierárquica de exploração, o que é explícito no discurso do mestre. Todavia, esta citação de Soler abre a reflexão sobre como essa dinâmica se institui e se reconfigura no discurso capitalista, como teorizado por Lacan e caracterizado acima na pesquisa. A pista se apresenta em como esta dominação se estabelece de forma diferente no capitalismo da contemporaneidade: ela fica presente, mas se dissimulando nas relações de poder e se sustentando em um ciclo incessante, que evita rupturas.

Fica evidente que, ao resgatar as contribuições marxistas, a tese de Lacan dos discursos se coloca como uma reinterpretação da própria luta de classes, na medida que o psicanalista se utiliza do conceito de mais-valia para pensar a lógica do mais-de-gozar. Marx elaborou a mais-valia caracterizando-a como o objeto causa do desejo do capitalista, tal como motor da busca incessante pela acumulação. Mas, indo além, a partir do conceito de mais-valia almejou um sujeito que na luta de classes se conscientizasse de seu lugar e exploração. Neste movimento de desalienação, releva-se ao explorado a subtração sistemática da mais-valia, o que a eleva ao estatuto de objeto perdido e objeto *a* ser recuperado. Aqui já podemos ter dimensão desta aproximação entre o conceito de mais-valia e mais-de-gozar. Mais-valia não apenas como mecanismo de exploração, mas também, como motor, na medida que é vista como objeto perdido, para uma reivindicação de recuperação para incorporação de algo que entende-se ser seu. “A mais-valia se torna, pela graça de Marx, o objeto causa do desejo de toda uma economia”, conclui Soler (2001). Revela-se a centralidade do conceito na dinâmica desejante social.

Entretanto, para entender as repercussões dessa modulação de laço que faz relação do sujeito com o consumo ($a \rightarrow \$$), envolvendo o saber no circuito do gozo, é preciso recuperar esse conceito de gozo e objeto *a* (no discurso capitalista aparecendo como objeto mais-de-gozar), mesmo que brevemente, nas produções de Lacan.

O conceito de gozo, durante o ensino de Lacan, toma diversas funções e enquadramentos, o que dá a esta formulação uma carga extensa de complexidade. Ao longo do *Seminário XI, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (1985) apresenta a noção de gozo elucidando

conjunto dos capitalistas, e de outro, o conjunto dos proletários. Ou seja, uma variante moderna do par mestre/escravo. O proletário, por sua vez, seria a versão moderna e industrializada do escravo da Antiguidade. O capitalista, uma variante do mestre.”

sobre um além do princípio do prazer, distinguindo, assim, o gozo da satisfação, através da colocação de um impossível e o articulando com a pulsão de morte e a repetição. Ao trazer sobre esta relação não concordante do gozo com a constância do princípio do prazer, Christian Dunker (2017) nos propõe pensar sobre a contradição existente entre a experiência de prazer no inconsciente e os ecos na consciência que se manifestam desprazerosos, indicando, assim, a dualidade presente no conceito de gozo. Pode-se ainda retomar o que Elizabeth Tolipan (2003) nos rememora que no *Seminário XIX* intitulado *O Saber do Psicanalista*, de 1971, Lacan propõe um reexame do princípio do prazer, o que o leva a constatar que o princípio que rege o sujeito moderno é do gozo. A autora elabora esta compreensão, fazendo uma retomada:

Atualmente não é a moral burguesa que impera no sentido de se buscar o "*ócio com dignidade*", muito pelo contrário, o movimento, o suportara tensão são valores maiores da modernidade.

O prazer de hoje não é o mesmo daquela época. Houve uma mudança. Não é correto dizer que a busca do prazer se encontra no fazer o mínimo possível - talvez para os burgueses, isso ainda seja assim. A modernidade tem a ver com o fazer o máximo possível e não o oposto. Nesse sentido é que o princípio, em última análise, seria do gozo. (Tolipan, 2003, p.213)

O impossível, anteriormente mencionado, se manifesta em diversas instâncias, caracterizando o gozo que não se deixa apreender totalmente, que está sempre extrapolando, transbordando (Quinet, 2011). Impossível esse que é atravessado pelo conceito de *das Ding*, objeto que retorna nas fantasias de incesto e na experiência enigmático com o Outro, no qual não há descontinuidade entre o objeto perdido e seu traço, esboçando uma lógica que não comporta a parcialidade pulsional e incompletude. Não se deixando algemar pelo significante fálico, o gozo nos traz pistas sobre nossos excessos, na medida em que funciona como testamento do real. Lacan vai, no *Seminário XVII* nos aproximar a ideia de significante como aparelho de gozo:

Isto pouco tem a ver com sua fala, com sua palavra. Isto tem a ver com a estrutura, que se aparelha. O ser humano, que sem dúvida é assim chamado porque nada mais é que o húmus da linguagem, só tem que se emparelhar, digo, se apalavrar com esse aparelho (Lacan, 1992, p. 48).

Assim, aborda o significante não apenas como estruturante do sujeito mas com relação direta com o gozo. Não apenas representa o sujeito na cadeia, mas também produz efeitos de gozo no corpo. O neologismo apalavrar, de Lacan, indica o sujeito que passa a existir na e pela palavra.

Quando o significante se introduz como aparelho de gozo, não temos que ficar surpresos ao ver aparecer uma coisa que tem relação com a entropia, posto que se definiu precisamente a

entropia quando começou-se a sobrepor esse aparelho de significantes à sonda física. (Lacan, 1992, p. 46)

Com auxílio do conceito de entropia, emprestado da física para medir a dispersão ou desordem de energia em um sistema, Lacan vai pincelar, a partir da perda, o que acontece com o gozo que é barrado pela Lei, manifestam o não acesso direto a uma satisfação plena. A Lei do significante, imposta pela castração, interdita o gozo total, mas este não desaparece, retorna na forma residual, como resto que insiste. É a partir deste retorno que Lacan apresenta também o mais-de-gozar (*Mehrlust*), por meio da dispersão, um retorno, um suplemento, que permite ao indivíduo acumular e recolher gozo em suas formulações substitutivas.

É justamente por ser apreendido na dimensão da perda - alguma coisa é necessária para compensar, por assim dizer, aquilo que de início é número negativo - que esse não-sei-quê, que veio bater, ressoar nas paredes do sino, fez gozo, e gozo a repetir. Só a dimensão da entropia dá corpo ao seguinte - há um mais-de-gozar a recuperar. (Lacan, 1992, p.48).

Quinet (2009), acrescenta:

O *objeto a* é aquele objeto que, estando fora da cadeia significante, a orienta. É o objeto que sustenta a metonímia do discurso, de significante em significante. É o objeto que dá a característica do desejo como “**sendo sempre desejo de outra coisa**”,⁹ objeto que rola na cadeia e que só pode corresponder ao intervalo significante (ou seja, ao que está entre os significantes). (p.69).

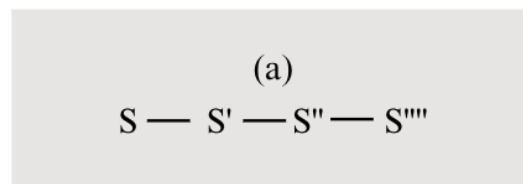


Figura 6: O objeto *a* e a cadeia significante

O mais-de-gozar, uma face do objeto *a*, volta a ser bastante tratado durante o *Seminário XVII*, onde é apresentado em sua formulação atravessada pelo conceito de mais-valia de Marx, a partir da qual Lacan vai tratar sobre um a mais de gozo. É aqui que entendemos o uso e função do objeto *a* no discurso capitalista, o que já foi brevemente pincelado anteriormente e será tocado ao longo de toda a presente pesquisa. Na lógica capitalista, não há gozo que esteja perdido, sempre voltando para a engrenagem do sistema e da produção incessante de mercadoria. Tampona-se, assim, qualquer falta e levando a ilusão de um gozo total.

⁹ Grifo nosso

Tendo isso em vista, é preciso tecer ainda sobre as especificidades deste discurso capitalista no neoliberalismo, no que se refere a este aparelhamento do gozo comandado, ao imperativo do mais-gozar. Tal princípio se insere, fomenta e alimenta-se na lógica neoliberal, onde o sujeito é incentivado a buscar sempre por aqueles objetos que prometem saciar sua falta, saciar esse gozo insaciável. Porém, nenhuma dessas promessas consegue concretizar a propaganda. O sujeito é, por definição e estrutura, faltante.

Acerca do sofrimento psíquico neste contexto, Safatle afirma:

Se o sofrimento no liberalismo e no capitalismo industrial de produção era por *privação*, ou seja, dava-se no conflito entre as normas sociais vigentes e os desejos impedidos do sujeito, o sofrimento no neoliberalismo e no capitalismo de consumo pode ser melhor entendido na dinâmica do *gozo*, em que a questão não é a da adequação a normas sociais postas, mas a da autossuperação dos limites do sujeito a todo momento, (Safatle, 2021, p. 148).

É de interesse da lógica neoliberal não apresentar para o sujeito o questionamento sobre sua busca, e nem o limite do quanto buscar. Manter o sujeito na alienação do imperativo do gozo e do fetiche da mercadoria é estrategicamente necessário e reforça, mais uma vez, a característica associal do discurso capitalista, que Lacan analisa como uma dinâmica que não expressa a interrogação do sujeito a partir do laço. O imperativo “Goze!” do neoliberalismo é perpetuado a partir de uma lógica individualista de liberdade, que o sistema sustenta em sua origem e conceito quando traz o livre mercado e a auto regulação econômica.

Ou seja, o neoliberalismo é um modo de intervenção social profunda nas dimensões produtoras de conflito. Pois, para que a liberdade como empreendedorismo e livre-iniciativa pudesse reinar, o Estado deveria intervir para despolitizar a sociedade, única maneira de impedir que a política intervisse na autonomia necessária de ação da economia. Ele deveria bloquear principalmente um tipo específico de conflito, a saber, aquele que coloca em questão a gramática de regulação da vida social. Isso significava, concretamente, retirar toda a pressão de instâncias, associações, instituições e sindicatos que visassem questionar tal noção de liberdade a partir da consciência da natureza fundadora da luta de classe. (Safatle, 2021, p.22).

Sob essa ótica, a partir de uma suposta liberdade em relação à intervenção econômica e social do Estado, o sucesso, ligado à lógica de ascensão social, o status de felicidades, passam a depender do próprio indivíduo. Encontramos aqui a meritocracia do sofrimento psíquico fomentada pela lógica do “tudo é possível!” do imperativo do gozo e pela lógica de livre-iniciativa neoliberal.

A “autonomia”, no sentido de dar a si mesmo o princípio de sua ação, converte-se na mera internalização das injunções do mercado, tal como a “liberdade de empreender”, que envolve “transformar os trabalhadores em empreendedores de suas próprias tarefas. É na figura do empreendedor, no homem empreendedor, que se focaliza a autonomia. (Franco *et al*, 2021, p.46).

Aqui, percebe-se que o indivíduo que internaliza esse investimento sobre suas capacidades e realização plena individual, se encontra centralizado nesta dinâmica. “Pesa sobre ele com máximo vigor uma lei externa, a lei da valorização do capital” (Franco *et al*, 2021, p.45). É possível citar diversas dinâmicas pulsionais que são colocadas para o indivíduo no laço capitalista neoliberal. Nelas, percebe-se um fator comum: o sujeito em sua solidão em meio ao mandatório de gozo.

A despeito desta solidão, Colette Soler (2001) vai trazer como uma das características da forma contemporânea de gozo, a “solidão redobrada”. É necessário dar um passo para trás e contextualizar este ponto focal em meio ao que Colette Soler traz como “angústia do proletariado generalizado”. Apresentando a angústia como um afeto inerente ao sujeito e, junto a isso, transestrutural, seguindo a lógica da máxima de Lacan “encontramos aqui o caráter que a angústia comporta, como já assinali, de ser o que não engana” (2005, p.131), a psicanalista aponta este ponto, onde um objeto emerge no lugar da castração, como função no discurso capitalista. Desta forma, a partir deste afeto que atravessa o sujeito no discurso percebemos hoje um “enriquecimento do vocabulário”, surgindo termos como estresse, pânico, trauma, pressão, depressão, entre outros. Todos tentam versar sobre o que rebate da relação com o objeto *a*. E onde se encontra a solidão diante disso? Da mesma forma que o “empreendedor incessante de si”, trazido acima, aparece como resposta e eco do que o neoliberalismo e o discurso capitalista produzem de laço associal, a solidão também se apresenta como um efeito deste crescente desgaste dos laços. Ao mesmo tempo que cada um se havê sozinho com seu próprio gozo, quando pensado no âmbito coletivo, é imperativizado pela lógica de consumo e tamponamento de qualquer falta. Uma corrida desesperada com um participante e nenhuma linha de chegada.

Esta solidão, Colette Soler nos apresenta como “historiquement déterminée”¹⁰ (2001, p.2), na medida em que levanta a ausência de grandes causas coletivas e elevação de uma causa única: causa a si mesmo. Toca-se então nos limites do narcisismo, que, em sua definição, abrange o si como causa. Junto a isso, para versar sobre esta solidão, lê-se que a contemporaneidade gozante, em sua forma, abarca uma ausência de semblantes consistentes e estáveis, na qual cada sujeito se encontra podendo se afirmar apenas pelos seus próprios modos de gozo, o que Soler equivale aos sintomas dos singulares. Apreende-se aqui os semblantes como ficções estruturantes que organizam o laço social e permitem sustentação de posições. Na medida em que se encontra um contexto no qual os significantes que antes tinham algum peso normativo se veem enfraquecidos, sustentar as posições subjetivas também se encontra com a solidão, o que situa o próprio sintoma como âncora para o sujeito. Sintoma este entendido aqui não puramente como teorizado na psicanálise clássica

¹⁰ Tradução livre: “historicamente determinada”

freudiana como formação de compromisso com o que está por conflito reprimido, mas como aquilo que versa sobre o núcleo mais íntimo da experiência subjetiva. Sendo assim, sintoma também como um meio de gozo. Estruturado pelo Simbólico mas que toca o Real.

É possível observar que, ao trazer todos estes pontos discutidos sobre os atravessamentos do discurso capitalista contemporâneo no sujeito, dos desdobramentos deste modo de ordenamento de gozo para as dinâmicas psíquicas, fica nítido, o quanto tem-se hoje um solo fértil para um desbussolamento deste ser. Desbussolamento no que diz respeito ao o que esbarra no saber sobre seu gozo e seu sofrimento. Como efeito do imperativo do gozo e da modulação associal nos deparamos com um empuxo ao gozo sem direcionamento.

Enfatiza-se a importância aqui de se distinguir o gozo da satisfação prazerosa, o que já foi trazido anteriormente na pesquisa. Durante o *Seminário XVII* (1992), Lacan vai destacar, em algumas passagens, que o gozo pode ser tido como uma satisfação que não está por princípio e necessariamente atrelada ao prazer.

Basta partir do princípio do prazer, que nada mais é do que o princípio da menor tensão, da tensão mínima a manter para que subsista a vida. Isto demonstra que, em si mesmo, o gozo o transborda, e que o que o princípio do prazer mantém é o limite em relação ao gozo. (Lacan, 1992, p.44).

Voltando ao empuxo gozante generalizado anteriormente citado, é necessário tecer algumas considerações acerca do que circunscreve tal empuxo. O matema do discurso capitalista, nos oferece algumas pistas em relação aos imperativos que esta dinâmica emprega. A alocação do significante-mestre no lugar da verdade (sempre velada) abre portas para uma análise do produzir e consumir como dois grandes imperativos contemporâneos. Comparando com o discurso do mestre, onde a exploração pelo significante-mestre se apresenta menos tímida, no discurso capitalista e na contemporaneidade neoliberal, vemos a livre iniciativa e a falsa liberdade (já discutida no texto) pela ausência de Estado, transmitir uma sensação de liberdade ao trabalhador. Percebe-se, rapidamente, que o comando do significante-mestre, agora se expressando a partir do lugar de verdade, é ainda mais avassalador no que tange à força de sua ordem. Como também expresso no matema, a partir do caminho dos vetores, há uma exigência autoritária para que o saber (S2) produza mercadorias, gadgets, como traz Lacan. Gadgets esses que o psicanalista nomeará falso *objeto a* produzido pelo capitalismo, como mostra Soler (2011) em suas leituras da obra. “Produzir e consumir são os dois grandes imperativos da economia capitalista. Produzir para consumir, e consumir para que a produção faça sentido. Produzir e consumir gera a falta a gozar” (Soler, 2011, p.60). Desta forma, como diz Safatle (2008) o mundo do consumo se apresenta demandando uma

ética do direito de gozar. Isso posto que é através de uma infinitude plástica da forma-mercadoria que o gozo é distribuído. É a partir deste lugar que podemos fazer relação com as propagandas, publicidades e produções de marketing, como o que Conrado Ramos (2015) nos apresenta como “sujeito suposto saber do gozo”.

Neste contexto, a propaganda se coloca como sujeito suposto saber do gozo, a partir de sua mensagem principal, facilmente extraída de suas entrelinhas: “eu sei o que fará você gozar”. Alguns exemplos reais: “a sua melhor diversão”, “o sol na sua medida”, “mexa-se e pegue a sua”, “o melhor da sua manhã”. Enfim, a mensagem da indústria cultural, por meio da propaganda, é: “todos têm direito ao gozo, há gozo para todos e nós sabemos qual é o seu”. Trata-se de uma totalitarização do gozo. (Ramos, 2015, p.3).

Assim, é interessante pontuar para o leitor que a partir deste ponto, as contribuições de Conrado Ramos (2015) acerca da propaganda contemporânea enquanto voz de comando de gozo e o tratamento disso como algo pertencente e atuante no laço social, serão bastante utilizadas na análise que se segue.

Revela-se assim a intenção da propaganda em colocar para o sujeito uma convicção sobre o saber de seu gozo, o contornando assim a uma ação imediata e não ponderada, mas não espontânea. É em torno desta concepção que é caracterizado o consumismo. “Enquanto laço social, a propaganda encontra sua eficiência como fiadora do saber de gozo: Ela se coloca como garantidora desse saber que aliena o sujeito no fazer que se repete no ato de consumo.” (Ramos, 2015, p.4). Com isso, o motor que traz o caráter incessante ao consumismo se instaura sob a consideração que é sempre possível “mais”, “melhor”, “ir além”, indicando, assim, que este comando de gozo se apresenta em articulação com um excesso, não com uma falta. Indo adiante, denota-se que junto a esta justificativa do consumo, algo a posteriori se coloca. São estas razões que “precisam vir como ‘saberes’ que legitimam a posteriori o gozo naturalizando a compulsão ao consumo e tranquilizando o sujeito”, como traz Ramos (2015, p.4).

A partir da última colocação aqui explicitada, a respeito deste “saber sobre o gozo”, tem-se a dimensão da alocação deste na sociedade de consumo.

Por sua condição de “desculpa”, de “pretexto” para o gozo, o “saber sobre o gozo” deve ser compreendido não como causa, mas como produto da sociedade de consumo, isto é, como aquilo que é construído para sustentar o gozo não como um “eu sei por que faço”, mas como um “eu sei, porque faço”, ou ainda: “faço, logo sei” (isto é, um saber condicionado pelo fazer do gozo – racionalização como falsa consciência; sem que o próprio gozo possa ser condicionado a um saber, ou seja, à razão como consciência). (Ramos, 2015, p.4).

Fundamentado nisso, neste reconhecimento do “saber sobre o gozo” como produto na sociedade de consumo, entende-se que na sociedade tal confecção serve para sua manutenção

enquanto modulação discursiva. O discurso capitalista, sem estes saberes que mantêm a promessa de gozo com sentido, se encontraria em xeque na medida em que o imperativo de gozo seria exposto. Sem a tela que o protege, o imperativo de gozo se encontraria esvaziado em sua ideologia. Deste ponto, pode-se elaborar imaginariamente quais seriam os desdobramentos para as movimentações do sujeito, uma vez que a ausência de sentido da promessa de gozo se apresenta. Assim, conclui Ramos: “Mais do que objetos para gozo é o saber sobre ele que se produz e se vende na sociedade de consumo” (2015, p.5).

Tendo tais elaborações em mente, é possível analisar a voz de comando ditadora de gozo, através da lente da teoria dos discursos de Lacan, promovendo um diálogo entre os mesmos. O que há na contemporaneidade que tem relação com cada modulação discursiva? (Ramos, 2015). Ao analisarmos a voz de comando ditadora de gozo atual, elaborada fortemente nas considerações anteriores desta pesquisa, nos deparamos com uma semelhança com o discurso do mestre, no que tange o caráter mandatório. Junto a isso, observa-se uma ininterrupta produção de um saber que seria acoplado ou articulado com o gozo, o que nos remete fortemente ao discurso histórico. A partir disso, levanta-se a questão: seria possível uma realocação deste saber? Conrado Ramos nos propõe fazer tal questionamento tomando esse saber “não como justificativa ou imperativo de gozo, mas como um saber cuja verdade o gozo vem tamponar, um saber que por ser inconsciente, tem na castração e no desejo os motores de sua dialética, e no gozo, o instrumento de sua negação.” (2015, p.5).

Diante de tudo isso, emerge a urgência de interrogar não apenas os efeitos subjetivos produzidos por essa maquinaria de gozo sem furo, mas também o que Lacan nos apresenta como avesso em relação aos discursos dominantes. A investigação feita até aqui procurou localizar o discurso capitalista como um arranjo discursivo que dissolve os pares de sujeito e organiza o laço a partir de um circuito ininterrupto entre sujeito e objeto mais-de-gozar, apagando a interrogação e a verdade do sujeito dividido. Põe-se em questão o avesso por subversão estrutural. Um giro nos leva a considerar o discurso do analista, no qual o objeto *a* ocupa uma posição diferente, evidenciando outra face, e a verdade não se encontra no domínio do saber empírico, mas no furo que o desejo revela.

2. O AVESSO

2.1 O QUE LACAN NOS APRESENTA COMO AVESSO

Durante 1969 e 1970, como já explicitado anteriormente na pesquisa, Jacques Lacan apresenta o *Seminário XVII, O avesso da psicanálise*. Acerca desta nomeação, é possível tecer algumas considerações. Lacan logo manifesta na abertura do seminário: “A psicanálise pelo avesso, pensei que assim deveria intitular este seminário. Não creiam que este título deva algo à atualidade, que se julgaria em vias de virar ao avesso um certo número de lugares” (1992, p.10). Aqui, o psicanalista esclarece que o termo “avesso” não diz respeito às efervescências políticas e sociais que ocorriam na França na época em questão, que tinham caráter de contestação e transformação, como o Maio de 1968. Afirma-se, então, que o “avesso” trata de um posicionamento estrutural e leitura em relação às suas próprias produções e ao retorno pelo avesso do projeto freudiano. Assim, propõe uma enunciação da prática da psicanálise a partir de sua posição e enquadra a situação clínica e o encontro de análise como também um tipo de laço e modulação de discurso sem palavra, o discurso do analista. Com isso, apreende-se que o discurso do analista é o avesso do discurso do mestre e, adiante, do discurso capitalista.

Mostra-se importante para esclarecer este “avesso” de Lacan, trazer o que ele teve de criticar das leituras e expectativas que julgava reducionistas e atropeladas da psicanálise. Como diz no *Seminário XVII*, no capítulo “Além do Complexo de Édipo”,

A morte do pai. Todos sabem, com efeito, que parece estar aí a chave, o ponto sensível de tudo o que se enuncia - e não só a título mítico - sobre aquilo com que a psicanálise lida. Marie-Claire Boons, ao término do seu artigo, daria mesmo a entender que muitas coisas decorrem dessa morte do pai, principalmente esse não-sei-o-quê que faria com que a psicanálise, de certa maneira, nos liberasse da lei. Grande esperança. Bem sei, com efeito, que é sob esse registro que um rótulo libertário se ligaria à psicanálise. Penso que não é nada disso - e este é todo o sentido do que chamo o avesso da psicanálise. (Lacan, 1992, p.112).

Aqui Lacan elucida o que ele percebe como expectativa ou esperança sob a psicanálise e um projeto de libertação. Ao trazer a morte do pai, o psicanalista se refere àquilo que Freud propõe no mito do pai da horda primitiva em *Totem e Tabu*, publicado em 1913, sobre a origem da cultura, da lei e da culpa. O pai, depois de morto, torna-se símbolo e origem da Lei, na medida em que a sua interdição funda o pacto social, a partir do pacto entre irmãos e a interdição do incesto. Mas Lacan se atém à figura do pai, no que se apresenta como função de interdição e constituição do simbólico. O Nome-do-pai, significante organizador. Ao citar o artigo de Marie-Claire Boons, Lacan faz referência a uma leitura idealizante libertária da psicanálise, que interpreta a "morte do pai" como

meio de emancipação subjetiva total, pensando assim a psicanálise como um projeto de liberdade hedonista, superada da repressão. É possível tecer relação entre esta leitura criticada por Lacan, com os eventos de Maio de 1968, que viam na dissolução da autoridade patriarcal uma promessa de emancipação social e subjetiva. Ele, no entanto, alerta aqui para uma não homogeneização das questões, demonstrando uma compreensão para com este movimento que ele nomeia como uma "grande esperança" (Lacan, 1992, p.112).

Assim, Lacan retoma o real sentido do "avesso" da psicanálise a partir da crítica: não é a libertação da lei, mas, sim, a revelação daquilo que a sustenta, o gozo e o discurso. Ao apresentar com a teoria dos discursos o laço social, Lacan vai dar foco para a análise do lugar que o sujeito ocupa nas modulações discursivas e como o gozo é aparelhado. A psicanálise não se apresenta em redução como projeto de emancipação libertária, mas confronta o real da Lei. O avesso do discurso da psicanálise é referente ao inverso do discurso moderno capitalista, que foraclui o sujeito dividido e opera com um supereu que não mais tanto proíbe mas, sim, manda gozar. Quinet relaciona os discursos e seus avessos quando diz:

O mal-estar é o produto dos discursos dominantes em nossa civilização: do mestre, do universitário e do capitalista. Os discursos do avesso da civilização levam a pulsão em consideração (representada pelo objeto *a*): como verdade, no discurso histórico, e no lugar de agente, no discurso do analista. (Quinet, 2011, p.36).

Assim, a alocação dos elementos no desenho dos discursos já evidencia alguns dos pontos que configuram esta relação contrária, o que será, a partir deste ponto, retomado diversas vezes durante a presente pesquisa.



Figura 7: Matema Discurso Capitalista X Matema Discurso Analista

2.2 O SUJEITO AGORA EM QUESTÃO: o que a análise oferta

Observa-se já na forma e disposição do matema do discurso do analista, em relação ao discurso capitalista, que o sujeito dividido agora é tomado em questão, no campo do outro. O analista, agente neste discurso, na posição de objeto *a*, como semblante em sua face causa do desejo, se dirige a este sujeito entendido como dividido, incluindo assim o seu caráter inconsciente.

Como mostram Sidi Askofaré e Marie Jeans-Sauret, em *A contribuição ética da psicanálise ao mundo da globalização: apoiar-se no sintoma* (2013), o discurso analítico se apresenta como um dos recursos que os indivíduos inventaram para estar e sobreviver ao discurso capitalista. Como diz Strauss, retomando Lacan, “Assim como precisa Lacan, a tarefa do DA é de completar e sustentar os outros três discursos” (2016, p. 115), referindo-se à função do discurso do analista de mostrar o limite das possibilidades de uma discurso, na medida em que o saber em questão emerge do inconsciente indigerível.

É importante atentarmos a uma leitura dessa colocação sem fazer uma generalização, o que pode, frequentemente, vir a acontecer, na medida em que o discurso do analista é tomado neste em um lugar de "salvação". Aqui apresentamos, na contribuição trazida acima e na presente pesquisa como um todo, o caráter avesso que o discurso do analista tem em relação ao discurso capitalista associal e as especificidades da contemporaneidade do imperativo do gozo.

Assim, tendo isso em mente, prosseguimos.

(...) levamos a sério a tese de Lacan segundo a qual o discurso capitalista recusa (no sentido em que Lacan traduz a *Verwefung* freudiana: forclusão) a castração (operação pela qual o neurótico consegue simbolizar a falta que o constitui como um sujeito desejante e o torna apto às coisas do amor). Essa forclusão faz seu retorno no real – mas por intermédio do advento do discurso analítico: é ele que reintroduz, pelo lugar dado à transferência, a consideração da castração no laço social. (Askofaré e Sauret, 2013, p.20).

A partir da citação acima, versamos sobre a consideração do sujeito foracluído do discurso capitalista, novamente. A partir da relação específica com a castração recusada, exclui-se o sujeito faltante, que a psicanálise tanto trabalha. O sujeito que no discurso capitalista faz laço com o *mais-de-gozar* a partir do consumo, no discurso analítico é posto em foco, o que é permitido na medida em que o analista como semblante de objeto causa-do-desejo se interessa pela singularidade do sujeito. Se antes, respectivamente, evidenciava-se uma cena na qual “il n’y a plus de couple”¹¹ (Soler, 2001, p.5), tem-se agora um enlaçamento social, uma díade entre entidades, considerando o sujeito faltante e a pulsão, não tamponando-o.

Dispomos de um dos primeiros pontos que nos ajuda a entender a diferença entre um discurso associal (o capitalista) e um discurso social. O caráter associal do discurso capitalista se deve, dentre outros fatores, à recusa da perda ligada à barreira do gozo. Assim, depara-se com um discurso que opera sem limite, sem sinal de incompletude. Isso se mostra, rapidamente, contrário ao discurso do analista que recebe o sujeito tratado como faltante e dividido em sua *a priori*

¹¹ Tradução livre: “Não há mais par”

originária, na medida que recebe o sujeito que entra em análise operando no discurso histórico que nasce do desejar, da pergunta “Che vuoi?”¹².

O sistema capitalista produz objetos de forma incessante na promessa ilusória de preenchimento do sujeito, mas isso apenas confirma, ao final, sua divisão subjetiva tão recusada. Soler (2015), nos esclarece que tal divisão não foi resolvida pelo capitalismo, pelo contrário, foi alimentada sintomaticamente pelos gadgets do mercado. E este descompletamento, o que manifesta o sujeito (mesmo aquele dito como viciado que não consegue se libertar de um modo compulsivo de gozo) que não está satisfeito plenamente, é o que dá possibilidade à existência da análise. Seres faltantes, ocos, enquanto sujeitos. A divisão entre o gozo que se impõe e o sujeito que não o aceita é o passo inicial da existência da análise enquanto dispositivo.

2.3 DO SABER À CAUSA

Colette Soler em “Oferta, demanda e resposta” (2013), nos proporciona um olhar para a atuação do analista e a análise enquanto contribuição e ato, o que proporciona para esta pesquisa em questão um salto, ao trazer foco para a posição do analista e sua intenção, enquanto pontos motores de um enlaçamento. Ao iniciar sua argumentação, Soler retoma o sentido do título que recebe o VII Encontro Internacional da IF-EPFCL (Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano), ocorrido em julho de 2012:

Nosso título - “O que responde o psicanalista?”* - é menos banal do que parece, pois ao dizer *o* psicanalista, no singular, e não *os* psicanalistas - isto é, aqueles que se dizem como tais - é-se obrigado a ler: O que responde o psicanalista, se ele é psicanalista? É, portanto, precisamente, uma questão ética sobre a natureza desta prática, sobre seus fins e sobre o ato que lhe convém. As “Preliminares”^(NT) que reli com grande interesse, consideraram isso justamente desta forma.

O pressuposto implícito de nosso título é que uma psicanálise, do começo ao fim, sua entrada, seu processo e, claro, seu fim, estão a cargo do analista, pois ele opera aí em posição de causa. (Soler, 2013, p.15).

Ao fazer tal apontamento, é proposto, primeiramente, refletir sobre a autodeterminação de um psicanalista enquanto tal e peso que isso carrega. Assim, levanta-se o questionamento sobre sua ética, o que por si só já dá “pano para manga” de pesquisa e revisão extensa. Sobre isso, atém-se à consideração de importância dada a posição ética do psicanalista pensando no desdobramento e na função motora que esta carrega no desenvolvimento do laço social da cena clínica. Mas antes de adentrar neste ponto que se apresenta como central para a conclusão desta pesquisa, é necessário trazer outros elementos.

¹² Tradução livre: “O que você quer?”

Temos como primeiro passo do ato analítico, a oferta de análise (Soler, 2013). Lacan já dizia que a oferta é anterior à própria solicitação de análise, anterior, então, à demanda. É, desta forma, a partir da oferta do analista que se “(...) engendra não a demanda, mas uma demanda que se pode dizer analítica” (p.17). Assim, levanta-se a oposição da demanda no contexto capitalista de mercado, junto ao significado primeiro de demanda associado ao pedido, e a demanda da situação de análise, demanda de amor, demanda de saber sobre o sentido do sofrimento, que se dirige sempre ao Outro. Percebe-se assim, que o objetivo inicial desta oferta do analista se concentra na instauração da transferência, o que passa pela suposição de saber na figura do analista e reconfigura a interlocução ali presente.

Da mesma forma que Lacan diz, em *A direção do tratamento e princípios de seu poder* (1998), “a psicanálise deve ser estudada como uma situação a dois” (p.594), ele também traz o conceito da “disparidade subjetiva” na entrada em análise. Assim, fica evidente que é preciso desmembrar esta situação a dois e o pontapé inicial para tal esclarecimento se encontra na mudança gerada a partir da suposição de saber na interlocução paciente sujeito. “Essa significação [do SSS¹³] “é justamente àquilo que põe fim à dupla da interlocução, que é necessária no início” (Soler, 2013, p.17). Com isso, não é uma oferta de diálogo e nem uma oferta de cuidado, este ato inicial. Encontra-se, assim, uma oferta que dirige o saber inconsciente suposto e que permite e visa produzir um amor novo e desconhecido que irá se dirigir ao saber inconsciente, o que configura a transferência para Lacan. Recuperemos, antes da instauração da transferência, que a relação entre analista e paciente pode ser entendida como um diálogo entre dois interlocutores, o que comportaria uma certa simetria. Na medida em que a suposição de saber se apresenta e a transferência se instaura, tal simetria é quebrada, o que configura a cena e dá para o analista um lugar estrutural na cadeia do analisando. Apresenta-se um laço social que se desenvolve de maneira diferencial. O par é par de questionamento, o que anda na via contrário de um laço que visa alienação.

O que foi trazido acima, aponta para a posição diferencial do analista em seu discurso, sua posição como semblante (do francês: *Faire semblant*¹⁴) de objeto causa de desejo, uma subversão da ideia de um diálogo convencional.

Antonio Quinet nos ajuda a entender “O que quer esse amor de transferência” (2009, p.29):

Ele quer saber. Ora, a própria *transferência* é definida por Lacan como o “amor que se dirige ao saber”. Porém, sua finalidade, como a de todo amor, não é o saber, e sim o objeto causa do desejo. Esse objeto (*o objeto a*) é o que confere à transferência seu aspecto real: de real do sexo. (...) À transferência como repetição em que os significantes da demanda são endereçados ao Outro do Amor em que é colocado o analista, vem contrapor-se a

¹³ Sujeito Suposto Saber

¹⁴ Tradução livre: “Fazer-de-conta”

transferência como um encontro da ordem do real do sexo. É o objeto a que, ao vir obturar a falta constitutiva do desejo, se torna esse objeto maravilhoso do qual, para Alcebiades, Sócrates é o continente: $\alpha \gamma \alpha 1 \mu \alpha \left(\frac{a}{-\phi} \right)$. (Quinet, 2009, p.29).

Compreende-se, então, que na cena analítica, ao sujeito dirigir seu amor ao saber, por meio da suposição, o analista é posto na posição de “saber sobre o desejo”, configurando uma erotização do saber. Isto, evidentemente, se mostra diferente da leitura freudiana que entende a transferência como uma repetição dos afetos infantis. Mas, embora a transferência se dirija ao saber, o objetivo final deste amor transferencial não é a obtenção do conhecimento, mas sim, tocar o objeto causa de desejo. Para além da transferência pensada no registro do simbólico, feita de significantes e de demandas endereçadas, Quinet nos esclarece a transferência como encontro com o Real. Assim, além da repetição simbólica, há aquilo que mantém tal repetição, onde se goza, mas não simboliza. É na transferência que se encontra, transcendendo a repetição da demanda, um ponto de impasse, onde o sujeito se defronta com o que há de indigerível no gozo. Aqui, tangenciamos o que diz respeito ao objeto a . Na citação trazida acima, é exposto o uso que Lacan faz do *Banquete de Platão*¹⁵, onde Alcebiades não é correspondido por Sócrates com reciprocidade, mas permanece com sua posição como continente de um saber desejado, no lugar do objeto enigmático. Quinet continua, expondo uma diferença crucial no posicionamento de Sócrates em relação à posição de causa do analista.

O surgimento desse sujeito suposto saber é correlato ao objeto a , do qual o analista, diferentemente de Sócrates, deve “fazer-de-conta”, provocando assim a torção dos termos do que era o discurso histórico e fazendo com que o candidato à análise entre no discurso analítico propriamente dito. O corte promovido pela entrada em análise se dá quando há um giro dos elementos e o sujeito passa a produzir os significantes-mestres (S1) de seu assujeitamento ao Outro. (Quinet, 2009, p.31).

A partir daí sustenta-se, assim, a transferência não pela oferta de amor, mas pela não resposta à demanda, fazendo-de-conta de objeto causa de desejo, não obturando a falta, falta essa nunca preenchível. Percebe-se como a posição do analista é ponto crucial e virada de chave para o giro do discurso histórico na entrada em análise. A oferta de análise, já considerada o primeiro ato analítico, é fabricante de demanda de análise. Cabe, assim, ao analista criar um ecossistema propício para o surgimento da dimensão do desejo na demanda, que a partir do SSS é transformada de demanda transitiva para intransitiva.

¹⁵ Seminário 8: “A transferência”, apresentado em 1960-1961

2.4 DO RESTO PARA O AGENCIAMENTO EM CAUSA: UM RECURSO DA CONTRAFACE E A RESTITUIÇÃO DO “SOCIAL”

É necessário dar forte atenção para o que foi esclarecido logo acima, na medida em que depreende-se a importância tamanha do posicionamento do analista, que condiciona um “Sujeito Suposto Desejar” (Quinet, 2009, p.29), para contribuir para cena analítica e a psicanálise se apresentarem como avesso ao discurso capitalista contemporâneo exposto na primeira parte da presente pesquisa. Assim, é interessante constatar que em meio ao discurso capitalista descrito associal, pela contramão, a prática do analista deve, guiada por sua ética com o trabalho do analisante e com a consideração de um sujeito sempre faltante, trabalhar atenta para se colocar enquanto discurso realmente social, que não dissolve o par. A pesquisa em questão dá foco para a posição diferencial do agente no discurso do analista enquanto recurso de resistência e avesso ao discurso capitalista.

Torna-se interessante para este trabalho, fazer uma diferenciação da posição e função do objeto *a* nos dois discursos postos em xeque na análise, trilhando o caminho do mais-de-gozar à causa do desejo.

Foi tecido anteriormente aqui, a posição do objeto *a* no discurso capitalista e sua face como objeto mais-de-gozar, no lugar de produção e resto do discurso. Assim, neste enlace, o campo do outro não se apresenta com personificação do sujeito, mas sim, a partir de um assujeitamento e alienação na produção de mais-de-gozar. Como afirma Strauss (2016), na esquerda do discurso capitalista, no campo do agente do matema, não é o analisante que é representado, mas sim, o sujeito alienado ao significante mestre. Encontra-se o objeto *a* e sua movimentação como fator que fomenta uma dissolução dos pares de sujeito, por meio do par alienado com este. “E não é mais um parceiro que faz suplência à relação sexual faltante, mas o par que forma o sujeito com seu objeto gadget.” (Strauss, 2016, p. 116). O lugar do mais-de-gozar na posição de produção e resto vai versar sobre a perda mítica do gozo e a tentativa incessante de restituição do gozo perdido pelo sujeito, o que na materialidade é expressado pela lógica de consumo. Essa movimentação de resgate do gozo, sediada pelo mais-de-gozar, é análoga a formações fantasiosas do sujeito, de que há um objeto, que é perdido e que pode preencher o vazio posto. Desta forma, no discurso capitalista, o objeto *a* não somente evidencia a perda, mas também a recuperação.

Em contrapartida, no discurso do analista o objeto *a* é tomado por outra faceta, o objeto causa de desejo, se apresentando no agenciamento do laço. Este deslocamento evidencia um afastamento do mais-de-gozar, na medida que a posição de causa e de esvaziamento relança o sujeito para um outro movimento, para um outro par. Mas tal posicionamento do analista não é feito

por “conta própria”, de forma descolada de toda uma conjuntura. Esse posicionamento é quase que pedido. Sobre isso, Lacan manifesta:

E ao analista, e a ele somente, que se endereça essa fórmula que tantas vezes comentei, *Wo es war, soll Ich werden*. Se o analista trata de ocupar esse lugar no alto e à esquerda que determina seu discurso, é justamente porque de modo algum está lá por si mesmo. É lá onde estava o mais-de-gozar, o gozar do outro, que eu, na medida em que profiro o ato analítico, devo advir. (Lacan, 1992, p.50).

A frase em alemão: “*Wo es war, soll Ich werden*”, trazida por Lacan, pode ser entendida como: “Onde isso estava, devo advir”. Fica nítida a ideia trazida, na medida em que diz sobre o analista agenciador não como sujeito mas como posição de causa vazia. A fórmula versa sobre a virada radical feita pelo psicanalista quando ele elucida, para a psicanálise do ego, que não é o Eu consciente que deve conquistar o inconsciente, mas sim o sujeito do inconsciente que deve advir onde estava o gozo do Outro, quando ele se refere ao ato analítico. O verbo “advir” aqui é trazido dentro do movimento próprio do sujeito e, também, sobre a colocação do analista. Desta forma, é a partir do que o sujeito traz em associação livre, da disposição dos significantes e suas lacunas, que o agenciador tem notícias de um mais-de-gozar que retorna o sujeito para uma alienação a dado significante. Onde se mostra o excesso, o resto, que aponta para um limite de saber próprio do sujeito e uma tentativa de restituição de gozo. Assim, é a partir das notícias que o sujeito traz em sua demanda e a forma como a direciona ao analista, que este pode, em um escuta atenta, depreender o lugar que o objeto *a* ocupa no encadeamento. Ao não responder a demanda e não tamponar a falta, o analista pode como agenciador advir em semblante de objeto causa de desejo. Mostra-se assim que tal posicionamento é ditado e mapeado, em especial, pelo próprio analisante em sua cadeia de significantes, cabendo ao analista manter-se respondendo e operando daí. Isso só é possível na medida em que há a suposição de que o analista sabe algo daquilo que se traz, algo já tratado anteriormente.

Ao se posicionar como semblante, deve-se ater ao fato de que é semblante, e não em ser de fato. Ao fazer-se de conta, não governa, não educa, não demanda, mas sim, causa e mobiliza. Somente assim, é possível respaldar a falta.

É interessante tratar aqui sobre a posição diferencial do significante-mestre no discurso capitalista e no discurso do analista, junto à implicação do agenciamento de causa neste movimento do significante (auxílio para análise na figura 7). Para versar sobre este posicionamento no discurso capitalista, é preciso, primeiramente, retomar o lugar do significante-mestre no discurso do mestre, tendo em vista que o discurso capitalista nasce de uma inversão moderna do laço do mestre. Para isso, recupera-se o que Quinet (2011) explicita, que no discurso do mestre, no da histórica e no

universitário, o significante-mestre é encarnado pelo agente. No primeiro, ele expressa a lei que o mestre encarna e assim comanda; no segundo, o S1 é o mestre; e no terceiro, o S1 é tomado pela posição do autor, respectivamente. Assim, alguém sempre carrega e representa esse significante-mestre. Sobre a passagem do discurso do mestre para o capitalista, Lacan diz em sua Conferência em Milão de 1972:

une toute petite inversion simplement entre le S1 et le \$... qui est le sujet... ça suffit à ce que ça marche comme sur des roulettes, ça ne peut pas marcher mieux, mais justement ça marche trop vite, ça se consomme, ça se consomme si bien que ça se consume.¹⁶ (Lacan, 1978, p.36).

Aqui, Lacan nos apresenta a inversão observada no matema do discurso do mestre para o do capitalista.

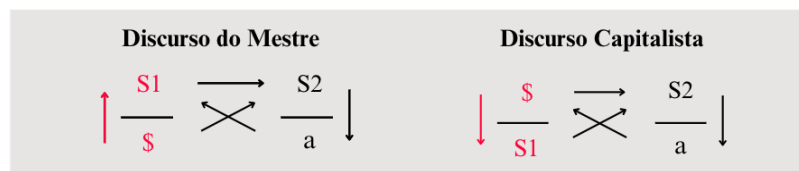


Figura 8: Inversão do discurso do mestre para o capitalista

Nesta passagem, o significante-mestre se desloca do lugar de agenciador para o da verdade. Esta movimentação expressa a diferença em relação a como o comando e a ordem se instauram no discurso do mestre e no capitalista. Na medida em que o significante-mestre desce para o lugar da verdade, estamos diante de uma operação em que o mestre já não mais comanda no discurso abertamente e as agências de domínio se colocam de forma mais implícita e velada. O que antes era explícito agora se apresenta de forma subterrânea, na qual os imperativos “Goze!”, “Consuma!” são vividos como que de forma natural e internalizada, o que é sustentado por essa governança escamoteada. O discurso capitalista se mantém de forma incessante, funcionando pelo excesso, o que acontece, dentre outros fatores por conta desse S1 que ocupa a posição da verdade e não regula e opera como barreira ao gozo, construindo assim um circuito ininterrupto. Deste ponto temos novamente notícias da caracterização desse discurso como associal, que com tal circuito contínuo, se desenvolve em isolamento subjetivo, hiperconsumo e uma disposição de par com o mais-de-gozar.

¹⁶ Tradução livre: “Uma pequeníssima inversão, simplesmente entre o S₁ e o \$... que é o sujeito... é o suficiente para que isso funcione como sobre rodas, não poderia funcionar melhor, mas justamente por isso funciona rápido demais, se consome, se consome tão bem que se consome até se consumir.”

Quando olhamos para o posicionamento do S1 no discurso do analista, nos deparamos com o significante-mestre no lugar da produção e com uma representação deste diferente. Neste enlace, o significante-mestre, diferentemente do que acontece no DC¹⁷, está no campo do outro, do analisante, que é entendido e tomado como sujeito dividido. Isso, conseqüentemente, nos encaminha para uma produção singular, condicionada pela modulação discursiva do analista, que é expressada pelo significante-mestre próprio do sujeito que ordena a cadeia, um ponto de ancoragem. Ao falar sobre o S1 no lugar de resto do discurso Lacan diz: “talvez seja do discurso do analista, se fizermos esses três quartos de giro¹⁸, que possa surgir um outro estilo de significante-mestre.” (1992, p.168). Manifesta-se assim um esboço do que Lacan propõe sobre esse “outro estilo de significante-mestre” que fala da possibilidade de um S1 não tirânico em comando, mas que versa sobre o trabalho do sujeito com a produção de um saber próprio, que emerge no encontro analítico. Mais para frente em relação à fala aqui trazida do *Seminário XVII*, Lacan vai traçar a relação desta produção singular do sujeito com a posição de causa do analista. Se utilizando da ironia, o psicanalista afirma: “A sedução de verdade que ele¹⁹ apresenta, de vez que saberia um bocado sobre o que em princípio representa.” (1992, p.168). O analista não detém nem representa nenhum saber absoluto, ele sustenta a posição de semblante de objeto causa de desejo, o que se reduz a um vazio mobilizador e não a um passe de conteúdo. Assim, o objeto a, no discurso do analista, camufla um saber e provoca o sujeito ao interrogá-lo, que pode, a partir disso, produzir um significante-mestre singular.

Por fim, mostra-se importante voltar para o conceito do “social” que acompanha o “laço” na formulação dos discursos. Façamos isso a partir da provocação de Strauss:

Que o verdadeiro par que o sujeito forma seja com seu objeto, mais do que com o corpo de um parceiro, é também o que mostrou a psicanálise. Do mesmo modo, que o saber inconsciente seja para cada um sua própria verdade, também é a descoberta da psicanálise, já que ela faz do gozo singular, intratável, o que causa o desejo de cada um. O DC e o DA fizeram, em comum, do objeto o parceiro real do sujeito, não um outro corpo. E se eles puderam aparecer ao mesmo tempo, é porque os três discursos que vinham em curso até então haviam atingido os limites de seu poder, por causa justamente da ciência e de suas conseqüências em termos de produção de objetos de consumo sempre mais indispensáveis à vida cotidiana. (Strauss, 2016, p.116).

Depreende-se então que o discurso capitalista e o do analista evidenciam o par do sujeito como sendo o objeto. No entanto, os discursos fazem isso de formas cirurgicamente diferentes o que concebe a descrição de uma laço social associal para um (DC) e um laço social efetivamente

¹⁷ Discurso Capitalista

¹⁸ Quando fala sobre os giros, Lacan se refere ao discurso do mestre na contagem

¹⁹ “ele” se refere ao analista.

social para outro. Como mostra Marc Strauss (2016), o discurso do analista preserva o laço entre o objeto e o parceiro como sujeito falasser, considerando assim o sujeito do inconsciente e da produção singular. O par com o objeto causa faz o social, a partir da interrogação do sujeito. Já o discurso capitalista parecia o sujeito com o objeto do mercado, o que abre mão de uma parceria não alienante, na medida em que abre mão de parceria de alteridade e aponta para o próprio sujeito “e em sua circularidade alimenta a ‘sede da falta de gozar’” (Strauss, 2016, p.117).

É necessário nos ater ao que Lacan, em 1973, nos alerta sobre a denúncia ao discurso capitalista, na medida em que a inquietação deste trabalho tangencia isso. Assim, Lacan, ao responder em *Televisão* (2003) à pergunta “É certo que aguentar a miséria, como diz o senhor, é entrar no discurso que a condiciona, nem que seja a título de protesto?” (2003, p.516), afirma: “Ao denunciá-lo eu reforço - por normalizá-lo, ou seja, por aperfeiçoá-lo” (2003, p.517). Desta forma, o psicanalista defende que a denúncia de um discurso, tende a reforçá-lo, o que se deve à própria estrutura dos discursos em que o que se articula dentro dele, o reafirma. Em especial, no discurso capitalista, a crítica é transformada em motor de gozo e consumo. Denota-se então que o psicanalista não visa denunciar. Em sua posição ética, o psicanalista faz semblante vazio e promove o terreno fértil para o encontro do sujeito com sua verdade de gozo, fora de uma lógica do mais-de-gozar generalizado. Assim, por mais que o presente trabalho tangencia a denúncia e crítica, é preciso se ater à finalidade objetiva da pesquisa em dar foco à posição diferencial do analista enquanto recurso essencial e motor do avesso e restituição social. O avesso não se reduz a denúncia e crítica, mas se presentifica pela posição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa partiu da inquietação com os efeitos subjetivos promovidos pelo discurso capitalista contemporâneo, marcado por seu caráter associal e dissolução dos pares, visando, com isso, exaltar no trabalho o posicionamento do analista enquanto semblante como recurso vital do avesso do discurso do analista e meio de restituição do caráter realmente social do laço. O objetivo foi interrogar de que maneira tal discurso compromete a constituição do encontro dos sujeitos no laço social e iluminar a posição do analista, enquanto semblante de causa do desejo, como operadora de resgate do sujeito dividido, excluído do discurso capitalista, de lógica imperativa de gozo e isolamento subjetivo.

Ao longo do trabalho, retomou-se o discurso capitalista a partir de sua formalização na Conferência de Milão, como um desdobramento perverso do discurso do mestre. Identificou-se que sua eficácia reside justamente em evitar a perda, apagando as rupturas estruturais e a separação entre o sujeito e o gozo, o que fica expresso pelo circuito ininterrupto entre os componentes do discurso, algo abordado durante o trabalho. Isso produz uma forma de laço que, como demonstrado, se organiza entre o sujeito e o objeto mais-de-gozar ($a \rightarrow \$$), criando circuitos contínuos de gozo e consumo, mas que falham em promover encontros de par com o Outro. Essa característica é o que Michel Bousseyroux (2012) chamou de “laço associal”. A respeito da solidão vivida pelo sujeito do discurso capitalista, Patrick Barillot sustenta:

O que faz sintoma no social é que cada indivíduo, isto é, que todos os indivíduos, sejam proletários no sentido em que Lacan entende isso, ou seja, sem discurso para fazer laço social.

Diferentemente dos quatro outros discursos que organizam um laço social ali onde falta a relação entre os sexos, ao atribuir um lugar a cada um e organizar as relações dos corpos entre os indivíduos, o discurso capitalista, derivado do discurso do mestre, não organiza nenhum deles.

Ele apenas privilegia o lugar do mais-de-gozar – equivalente da mais-valia como causa do desejo válido para todos. (Barillot, 2016, p.157).

Neste cenário, o trabalho buscou lançar luz sobre o valor ético-político da função do analista e sua posição de agente em seu discurso. Tal posição se manifesta no matema do discurso do analista, no qual o objeto a ocupa o lugar de agente, evidenciando sua face de objeto causa de desejo. Ao advir no agenciamento fazendo de conta de objeto causa de desejo, o analista possibilita uma ruptura no circuito imperativo do gozo, favorecendo a emergência do sujeito, a partir do vazio mobilizador e, com isso, reinstaurando um laço propriamente social.

A análise desenvolvida apontou, assim, para a relevância política da posição do analista na contemporaneidade. Nesse sentido, o analista não se propõe a denunciar esse discurso, pois, como alerta Lacan (2003, p. 517), “ao denunciá-lo, eu o reforço por normatizá-lo, ou seja, por aperfeiçoá-lo”, mas sim a operar em seu avesso, sustentando a falta e promovendo a produção de um saber singular do sujeito. Assim, como elucidado ao final do capítulo anterior, o avesso não se reduz a uma crítica, mas se presentifica pela posição. Encontra-se o par no discurso do analista, o que no discurso capitalista acaba por se apresentar dissolvido entre os sujeitos, mas alimentado com os gadgets.

Contudo, é preciso reconhecer os limites e vieses desta pesquisa. Apresenta-se de forma evidente que, por se tratar de um trabalho de conclusão de curso, a análise aqui presente se circunscreve de forma mais sucinta. O tema tratado em questão dá e já apresenta nas pesquisas psicanalíticas contemporâneas uma margem extensa de elaboração, o que acompanha sua complexidade e valor. A partir disso, percebe-se que em pesquisas futuras seria interessante trabalhar o “como” da função semblante do analista vem se mostrando possível na atualidade, no contexto trazido já neste trabalho, o que seria um passo além do que foi trazido na presente pesquisa que demarca sua importância no movimento avesso do discurso. Outro tema que poderia ser desenvolvido mais aprofundadamente seria o das contribuições sobre ética do analista e sua conceituação, algo trabalhado por Lacan durante seu ensino, em meio ao contexto mesmo trazido na pesquisa.

Ao longo deste trabalho, tornou-se evidente que a psicanálise, ao mesmo tempo em que sustenta uma lógica própria, fundada na escuta do inconsciente e encontro com o real do sujeito, é constantemente desafiada pelas transformações dos discursos que atravessam a cultura. Dentre eles, o discurso capitalista, com sua estrutura associal, sua recusa da perda e sua promoção do gozo como imperativo, impõe à psicanálise, para além do que já é dado, a necessidade de se atualizar, sem abdicar de seus fundamentos, permanecendo no avesso. Isso significa, dentre outros elementos, reiterar a posição função ética e política do analista na cena clínica, não como um mestre que dirige ou instrui, mas como semblante de objeto *a*, operador da falta, que sustenta a transferência e provoca a emergência do sujeito.

A pesquisa em psicanálise, portanto, não pode se afastar da tarefa constante de revisar as condições de sua prática, especialmente quando o social se encontra em crise. Reafirmar a crucialidade da posição do analista como semblante de objeto causa do desejo é também reavivar a vitalidade do fazer psicanalítico, frente à homogeneização e solidão dos sujeitos.

Espera-se que esta pesquisa tenha contribuído para evidenciar a importância de manter a psicanálise operando no avesso, resistindo ao movimento de discursos que promovem a

homogeneização dos sujeitos e a recusa da divisão constitutiva, a partir da disponibilização de um espaço que enlaça com interesse pela produção singular do sujeito. Ao reafirmar o discurso analítico como aparelhamento gozante que esbarra na restauração do social que acompanha o laço, exalta-se o lugar da psicanálise como prática de implicação do sujeito com sua verdade e seu gozo, produtor de um saber singular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASKOFARÉ, Sidi; SAURET, Marie-Jean. A contribuição ética da psicanálise ao mundo da globalização: apoiar-se no sintoma. *Les Cahiers de Psychologie Politique*, n. 22, jan. 2013.

BOUSSEYROUX, Michel. Práticas do impossível e teoria dos discursos. *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade*, v. 4, n. 1/2, p. 183–194, 2012.

BARILLOT, Patrick. Sair do discurso capitalista? Tradução de Sonia Magalhães. Revisão da tradução: Cícero Oliveira e Dominique Fingermann. *Stylus Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 33, p. 153-161, nov. 2016.

CASTRO, Júlio. Consumo contemporâneo e discurso do capitalismo. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Universidade Federal de Juiz de Fora*, v. 6, n. 1, p. 1–7, jun. 2012.

DUNKER, Christian Ingo Lenz; SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. São Paulo: Autêntica Editora, 2021.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Leituras sobre Lacan - volume 1: Discurso e semblante*. São Paulo: nVerso Ed., 2017.

ELIA, Luciano. Psicanálise e política: da mais-valia ao mais-de-gozar. *Psicanálise & Barroco em Revista*, v. 17, n. 2, p. 156–171, out. 2019.

ELIA, Luciano. Psicanálise: clínica & pesquisa. In: ALBERTI, S.; ELIA, L. (orgs.). *Clínica e pesquisa em psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000. p. 19–36.

FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Freud (1926–1929): Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. v. 17, p. 124–218.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: A angústia (1962–1963)*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. *Lacan in Italia 1953–1978: en italique dans le texte*. A cura di Giacomo B. Contri. Milano: LaPsus Edizioni, 1978.

LACAN, Jacques. *Televisão*. In: LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Versão final de Angelina Harari e Marcus André Vieira. Preparação de texto: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 508–543.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Ari Roitman e Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada: um novo sofisma*. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 197–213.

LACAN, Jacques. *A ciência e a verdade*. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 869–892.

LACAN, Jacques. *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 591–652.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

PACHECO FILHO, Raul Albino. *Compra um Mercedes Benz pra mim?* *Psicologia: Revista da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde – PUC-SP*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 15–44, 2015.

QUINET, Antonio. *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

QUINET, Antonio. *As 4+1 condições da análise*. 12. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

QUINET, Antonio. *Psicose e o laço social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

RAMOS, Conrado. A voz da propaganda como comando e saber de gozo. Lacaneando, 2015. Disponível em: <<https://lacaneando.com.br>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SOLER, Colette. Lacan, o inconsciente reinventado. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2012.

SOLER, Colette. A oferta, a demanda, a resposta. Tradução de Cícero Alberto de Andrade Oliveira. Stylus: Revista de Psicanálise, Rio de Janeiro, n. 26, p. 15–32, jun. 2013.

SOLER, Colette. *Apalabrados por el capitalismo*. [Vídeo]. YouTube, 18 abr. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fBz0WBiDkMw>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SOLER, Colette. L'angoisse du prolétaire généralisé. *Extraits du cours de janvier 2001*. [S.l.]: [s.n.], 2001.

SOLER, Colette. O discurso capitalista. Stylus: Revista de Psicanálise, Rio de Janeiro, n. 22, p. 57–67, maio 2011.

SOLER, Colette. ¿Los sujetos del capitalismo son aún analizables? Entrevista de Luis Prieto e Soledad Ré. Revista Hamartia, Buenos Aires, 18 abr. 2015. Disponível em: <<http://hamartia.com.ar/2015/10/01/los-sujetos-del-capitalismo-son-aun-analizables/>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

STRAUSS, Marc. O sofrimento do sujeito contemporâneo. *Stylus – Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 33, p. 111–118, nov. 2016. Tradução de Paulo Marcos Rona. Revisão da tradução: Cícero Oliveira.

TOLIPAN, Elizabeth. Os paradoxos do gozo. *Letra Freudiana*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 10/11/12, p. 210–216, 2003.